

# LACRE

Literatura, arte, cultura & records

ANO V - Ed. 109 - 1ª quinzena de Junho de 2026

## Pesquisa inédita sobre bibliotecas escolares em São Paulo

*Ao analisar o índice por Estados, é possível verificar que Acre (13%), São Paulo (16%), Maranhão (29%) e Distrito Federal (31%) são os que registram menor percentual de alunos matriculados em estabelecimentos com bibliotecas. Na outra ponta, os Estados com mais estudantes em escolas com bibliotecas são Minas Gerais (82%), Rio Grande do Sul (76%), Paraná (73%) e Goiás (69%).*

Agustino Arrivabene, Chrysmorphē Persephonē (2025)

# CRB-8 divulga pesquisa inédita sobre bibliotecas escolares em São Paulo

Pesquisa realizada pelo Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo aponta que salas de leitura mascaram ausência de bibliotecas nas escolas de São Paulo



Estudo do CRB-8 analisou 912 escolas das redes estadual e municipal de São Paulo. Foto Pexels Mikhail Nilov/Divulgação.

A Lei nº 12.244/2010 completou 16 anos em maio, estabelecendo prazo de uma década para que todas as instituições de ensino do país passassem a contar com bibliotecas escolares estruturadas e profissionais qualificados. Passado esse período, os cenários encontrados nas redes públicas de ensino, tanto no estado quanto no município de São Paulo, revelam um distanciamento significativo entre o que prevê a legislação e a realidade vivida nas escolas.

É o que mostra pesquisa recém divulgada pelo Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo (CRB-8), que traz um amplo diagnóstico sobre a situação dos espaços de leitura nas redes estadual e municipal de ensino de São Paulo. Ao todo, os levantamentos reuniram respostas válidas de 912 escolas, sendo 536 da rede estadual paulista e 376 da rede municipal da capital.

As pesquisas, realizadas ao longo de 2025, apontam que a maioria das escolas paulistas não possui bibliotecas escolares formalmente constituídas, mas sim um modelo considerado paliativo: “salas de leitura” mantidas sem bibliotecários e com diferentes problemas de estrutura, gestão e acessibilidade.

“A opção por utilizar a nomenclatura ‘salas de leitura’ não é neutra: trata-se de uma estratégia administrativa que permite contornar a exigência legal de contratação de bibliotecários. Ao evitar o reconhecimento formal desses espaços como bibliotecas, o poder público se exime de cumprir a legislação”, afirma a presidente do CRB-8, Ana

Cláudia Martins.

A consequência direta dessa política é a precarização da gestão da informação para gerar o conhecimento dentro das escolas. A ausência de profissionais com formação técnica em Biblioteconomia compromete a organização dos acervos, a mediação da leitura e o desenvolvimento de competências informacionais.

## 203 municípios participaram da pesquisa

Com o objetivo de mapear e atualizar essa realidade e encaminhar os dados coletados ao Ministério Público, o Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo realizou a pesquisa “Situação das salas de leitura nas escolas públicas”, entre 2 de abril e 2 de setembro de 2025. O levantamento contemplou 536 escolas estaduais distribuídas em 203 municípios paulistas, o que corresponde a 31% das cidades do estado. Em uma segunda etapa, conduzida de 8 de setembro a 26 de novembro de 2025, o estudo foi ampliado para incluir mais 376 unidades da rede municipal de São Paulo, permitindo um panorama mais abrangente sobre as condições e o funcionamento das salas de leitura em diferentes redes de ensino.

## Nenhuma escola estadual tem biblioteca

A pesquisa aponta que nenhuma das escolas estaduais possui bibliotecas estruturadas. “Essa hipótese ganha contornos oficiais na resposta da própria Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP) ao Serviço de Informações ao Cidadão (SIC). Nela, a Se-

cretaria admite uma contradição estrutural: afirma não haver o cargo de bibliotecário em seu quadro e, por consequência, declara que nenhuma escola estadual possui uma biblioteca formalmente constituída, já que a existência desta é condicionada à presença do profissional bacharel”, explica o diretor técnico do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo, Guilherme Belíssimo.

Na rede municipal, o cenário é semelhante. A pesquisa apontou que apenas 6 das escolas analisadas (1,85%) possuem esse profissional.

## Unidades sem salas de leitura somam 76 casos no estudo

Apesar de as salas de leitura estarem muito longe do ideal de uma biblioteca formal, com acervos diversificados, atualizados e catalogados, além de gestão profissional realizada por bibliotecários, como determina a lei, a realidade é ainda mais preocupante. Nem todas as escolas dispõem sequer desses espaços mínimos. Em 50 escolas municipais e 26 unidades estaduais analisadas, não há salas de leitura em funcionamento.

O dado evidencia a precariedade no acesso ao livro e à formação leitora, revelando um cenário em que estudantes permanecem privados de um direito básico.

## Estruturas apresentam limitações

As pesquisas também identificaram problemas estruturais recorrentes em salas de leitura. Entre eles estão dificuldades de acessibilidade, ambientes reduzidos e ausência de infraestrutura adequada para atendimento aos estudantes. Em ambos os casos, há registros de barreiras arquitetônicas, como escadas internas e falta de elevadores, além de limitações no desenho dos espaços.

## Acervo e uso dos materiais

Outro ponto de convergência é a discrepância entre o acervo disponível e o uso efetivo. As duas redes registram escolas com acervos relativamente robustos, muitas com mais de 1.500 itens, mas com baixos índices de empréstimos em parte significativa das unidades, especialmente na rede estadual.

Para o CRB-8, isso indica falta de

mediação qualificada e ausência de políticas consistentes de incentivo à leitura mediadas por profissionais especializados em todos os períodos letivos.

## Uso diverso descaracteriza função dos espaços de leitura

Os levantamentos também mostram que as salas de leitura acabam desempenhando múltiplas funções dentro das escolas além da leitura.

Rede pública não avança na implantação de bibliotecas escolares

Este é o segundo levantamento do Conselho sobre o tema. Em 2023, um estudo realizado pelo CRB-8 e apresentado no Fórum de Bibliotecas Escolares apontava que apenas 7% das escolas tinham bibliotecas.

O novo relatório indica que, três anos depois, o cenário pouco avançou. O conselho afirma que a universalização das bibliotecas escolares segue distante da realidade da rede pública paulista.

“É urgente revisar as políticas públicas educacionais no estado e no município e substituir o modelo atual por bibliotecas escolares estruturadas, com acervos atualizados e bibliotecários em todos os turnos escolares. Mais do que um espaço físico, a biblioteca escolar é um instrumento de democratização do conhecimento, incentivo à leitura e redução das desigualdades sociais”, afirma a presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo, Ana Cláudia Martins.

Clique aqui e confira as pesquisas: [https://crb8.org.br/salas\\_de\\_leitura/](https://crb8.org.br/salas_de_leitura/)

## São Paulo: um dos menores índices de acesso às bibliotecas

Ao analisar o índice por Estados, é possível verificar que Acre (13%), São Paulo (16%), Maranhão (29%) e Distrito Federal (31%) são os que registram menor percentual de alunos matriculados em estabelecimentos com bibliotecas. Na outra ponta, os Estados com mais estudantes em escolas com bibliotecas são Minas Gerais (82%), Rio Grande do Sul (76%), Paraná (73%) e Goiás (69%).

**Cristina Aguilera**

# Blanca Canales e Porto Rico como cidade livre



Em outubro de 1950, a professora e nacionalista Blanca Canales ajudou a liderar uma das revoltas mais dramáticas da história porto-riquenha. Armada com rifles e movida pela revolta após anos de repressão política, ela e outros nacionalistas tomaram a pequena cidade de Jayuya e declararam Porto Rico uma república livre.

A revolta era direcionada contra o domínio colonial dos Estados Unidos e contra a prisão do líder nacionalista Pedro Albizu Campos. Blanca não permaneceu escondida

atrás de discursos ou reuniões. Ela ficou nas ruas enquanto tiros ecoavam ao seu redor. Testemunhas descreveram fumaça, caos, sinos de igrejas tocando e rebeldes armados avançando pela cidade enquanto a bandeira porto-riquenha era erguida sobre Jayuya.

A resposta foi devastadora. Forças controladas pelos Estados Unidos bombardearam e atacaram a cidade pelo ar — uma das poucas vezes na história moderna do Caribe em que uma revolta interna foi combatida com aeronaves militares. Casas foram destruídas. Rebeldes foram perseguidos. Blanca foi presa e condenada à prisão perpétua.

As fotografias da época são inesquecíveis: Blanca encarando diretamente as câmeras após sua prisão, vestida de forma simples, calma e inabalável. Os jornais a retratavam como perigosa. Para muitos porto-riquenhos, ela se tornou algo completamente diferente — um símbolo de resistência, desafio e da crença de que até os menores lugares poderiam abalar impérios.

Durante décadas, as discussões sobre a revolta foram reprimidas ou suavizadas nas narrativas oficiais. Mas a imagem de Blanca Canales de pé sob a bandeira de Porto Rico durante a revolta jamais desapareceu.

# Jewett e Fields e a união duradouras entre duas mulheres



Em 1880, no primeiro aniversário do que ela considerava seu casamento, a escritora Sarah Orne Jewett escreveu um poema de amor para sua companheira, Annie Adams Fields.

“Você se lembra, querida, de um ano atrás, neste mesmo dia, quando nos entregamos uma à outra?”, escreveu ela. “Não voltaremos atrás nas promessas que fizemos há um ano.”

Jewett não estava escrevendo para um marido. Ela estava escrevendo para a mulher com quem compartilhava seu lar, sua vida e seu coração.

Mais de um século antes de o casamento entre pessoas do mesmo sexo ser legalmente reconhecido, mulheres como Jewett e Fields viviam em relacionamentos conhecidos como “casamentos de Boston”: uniões duradouras entre duas mulheres. Embora não tivessem reconhecimento legal, muitas dessas relações eram profundamente afetivas, domésticas e construídas para toda a vida.

No século XIX, amizades femininas próximas frequentemente eram intensas e demonstradas de forma aberta. As mulheres trocavam cartas carinhosas, flores e lembranças, caminhavam de mãos dadas, se beijavam e, em alguns casos, dividiam o mesmo quarto ou cama. Como a sociedade da época costumava enxergar as mulheres como

puras, delicadas e sem desejos sexuais, essas relações muitas vezes aconteciam à vista de todos sem gerar grandes escândalos.

Alguns desses “casamentos de Boston” poderiam ser considerados românticos ou sexuais pelos padrões atuais. Outros talvez fossem principalmente emocionais, intelectuais ou práticos. Independentemente da natureza exata de cada relação, eles ofereciam algo extraordinário para muitas mulheres da época: independência.

Em um período em que o casamento com um homem frequentemente significava dependência legal e financeira, duas mulheres podiam construir um lar em condições mais igualitárias. Muitas mulheres instruídas e ambiciosas encontraram nessas parcerias a oportunidade de desenvolver carreiras, escrever, viajar, participar de movimentos sociais e defender reformas sem a supervisão de maridos ou pais.

Suas histórias mostram que a diversidade das relações humanas não surgiu apenas com os conceitos e conquistas legais modernas. Muito antes do reconhecimento jurídico do casamento igualitário, inúmeras mulheres já faziam promessas de compromisso, construíam lares juntas e escolhiam compartilhar suas vidas umas com as outras.

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da

Editora Página Leste - CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto - Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES: [paginaleste@hotmail.com](mailto:paginaleste@hotmail.com)

[lacrezine@gmail.com](mailto:lacrezine@gmail.com)

Whatsapp (11)99664-5072

<https://paginaleste.wordpress.com/>

[instagram.com/zinelacre](https://www.instagram.com/zinelacre)

QUER APOIAR A REVISTA

USE A CHAVE PIX:

[lacrezine@gmail.com](mailto:lacrezine@gmail.com)

# Produzido a muitas mãos, fotolivro “Vida que segue” une memória histórica, jornalismo e poesia

Viabilizada por financiamento coletivo, obra independente do fotógrafo Maneco Magnésio conta com textos de Cynara Menezes, Laura Prado e João Kulcsár.

*“Ele (o livro) busca evitar que o que vivemos e sofremos pereça, afogado no poço da indiferença e do esquecimento. O livro nos compele a reviver momentos difíceis para não esquecermos tudo que vivemos e continuamos sentindo na pele, dia após dias.”*

**Laura Prado, jornalista e escritora, responsável pela organização e edição da obra, no texto de orelha**

É com esse propósito documental e artístico que nasce “Vida que segue - A Pandemia da Covid-19 nas Ruas do Brasil”, fotolivro do fotógrafo e artista visual Maneco Magnésio Guimarães (@magnesio). O manauara radicado em São Paulo reuniu imagens capturadas nas ruas entre 2020 e 2022 para traçar um retrato contundente do cotidiano de luta pela sobrevivência do povo brasileiro durante a pandemia de Covid-19.

O livro é o desdobramento de uma exposição individual homônima que circulou por diversas galerias e centros culturais de São Paulo (capital), Suzano, Santos, Santo André e Praia Grande. A publicação foi viabilizada por meio de financiamento coletivo e se apresenta como um registro histórico de forte viés memorialístico.

O livro conta com importantes colaborações textuais de nomes do jornalismo, da arte e de movimentos de vítimas e sobreviventes da pandemia. Há textos assinados por diversos profissionais:

João Kulcsár, professor de fotografia, curador, diretor de festivais do segmento e criador do Festival Foto Brasil e do Festival de Fotografia de Paranapiacaba;

Laura Prado, jornalista e escritora, responsável pela organização e edição do livro, também foi responsável da curadoria das exposições que antecederam a obra;

Cynara Menezes, jornalista, criadora e editora do site Socialista Morena e apresentadora na TV Fórum;

Rosângela Silva, presidente da AVICO Brasil (Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19);

Maria Salete Magnoni familiar de vítima da Covid 19 e militante da AVICO;

Camila Tuchlinski, psicóloga, psicoterapeuta especialista em psicossomática, fundadora do Mentalistas na Cínica e jornalista.

Ainda há poemas de Dill Magno e Clóvis Gomes Silva (Revolucionário Distráido).

## Entre o caos e o lirismo: a construção da obra

As páginas de “Vida que segue” entrelaçam fotografias, manchetes de jornais da época e dados ligados às consequências da contaminação. No prefácio, João Kulcsár, destaca que essa apresentação não segue uma ordem linear: o aparente caos foi intencional, refletindo a própria percepção humana daqueles dias de crise. Para Kulcsár, há um lirismo contido e potente na obra: “São imagens que revelam a capacidade do fotógrafo de perceber beleza onde havia suspensão e de reconhecer afeto onde reinava a incerteza.”

O desejo de registrar o período surgiu em julho de 2020, quando Maneco saiu às ruas pela primeira vez e deparou-se com vias cheias de trabalhadores informais tentando garantir o sustento. Meses mais tarde, o fo-



tógrafo retornou ao espaço urbano com o objetivo de documentar os atos e manifestações contra o governo Bolsonaro. É nesse vínculo indissociável entre o registro do cotidiano, a rua, a memória e a política que o livro se constrói.

“É parte do projeto reverberar a importância da memória para que a história não se repita. Mortes poderiam ter sido evitadas e o impacto da insegurança econômica e sanitária no cotidiano das pessoas poderia ter sido menor”, aponta Maneco.

## Quando a foto encontra a luta: sobre o autor

Maneco Magnésio Guimarães (Manaus, 1974) é fotógrafo, curador e designer gráfico. Nascido no Amazonas, viveu a adolescência e o início da vida adulta em Salvador (BA) e, desde 2003, reside na capital paulista. Formado em Desenho e Plástica pela UFBA e com especialização em Fotografia pelo MAM-SP (sob orientação de Marcello Victorino), atua coordenando oficinas, mentorias e cursos

livres na área.

Como fotojornalista independente e ativista pelos direitos humanos, integra o Coletivo Fotógrafas e Fotógrafos Pela Democracia. Pesquisa a fotografia de rua e urbana desde 2018, tendo acumulado três reconhecimentos na premiação internacional Pispá (Paris International Street Photo Awards), além de participar de diversas mostras coletivas e individuais.

Adquira o livro “Vida que segue - A Pandemia da Covid-19 nas Ruas do Brasil” Loja digital: <https://www.magnesio.com.br/loja/> / Aquisição com desconto: para compras via PIX, com desconto, preencha o formulário (<https://forms.gle/btyn-FBocspYRHpPn9>) ou adquira diretamente via Instagram do autor (@magnesio) / Em livraria: exemplares comercializados pela La Libreria, localizada no Café Colombiano, Alameda Eduardo Prado, 493, São Paulo/SP.

**FICHA TÉCNICA:** Vida que segue, Maneco Magnésio Guimarães / Rede social do autor: <https://www.instagram.com/magnesio/> / Número de páginas: 100 / Gênero: Fotografia / Ano: 2026.

# Nísia Trindade revela os bastidores da saúde pública no combate à COVID-19 e na luta pela vacinação no Brasil

O livro *Ainda há tempo*, publicado pela Editora Civilização Brasileira @civilizacao-brasileira, traz um testemunho corajoso de Nísia Trindade Lima @nisiatrindadelima sobre a articulação entre ciência e gestão pública, revelando como a Fiocruz enfrentou ataques, negacionismo e desafios históricos. Primeira mulher a ocupar o ministério da Saúde e a presidência da Fiocruz, Nísia narra os bastidores da pandemia como quem esteve no centro das decisões científicas e políticas do país e apresenta uma nova visão de futuro para a saúde brasileira

**Ainda há tempo**  
**Nísia Trindade Lima**  
**364 págs. | R\$ 79,90**  
**Editora Civilização Brasileira |**  
**Grupo Editorial Record**

*Ainda há tempo* (Ed. Civilização Brasileira) é o resultado da decisão de alguém que estava no olho do furacão durante a pandemia da covid-19: Nísia Trindade era presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a maior instituição de ciência e tecnologia da América Latina, quando o cataclismo da saúde pública em escala mundial eclodiu, chegando posteriormente à posição de ministra da Saúde do governo Lula, entre 2023 e 2025. Pela primeira vez, Nísia fala de forma aberta sobre as angústias e as lutas que abalaram a sua vida e a de milhões de brasileiros ao longo de três anos – que pareceram décadas. A obra conta com texto de orelha escrito por Drauzio Varella e Margareth Dalcolmo e prefácio assinado por André Botelho, professor de sociologia da UFRJ.

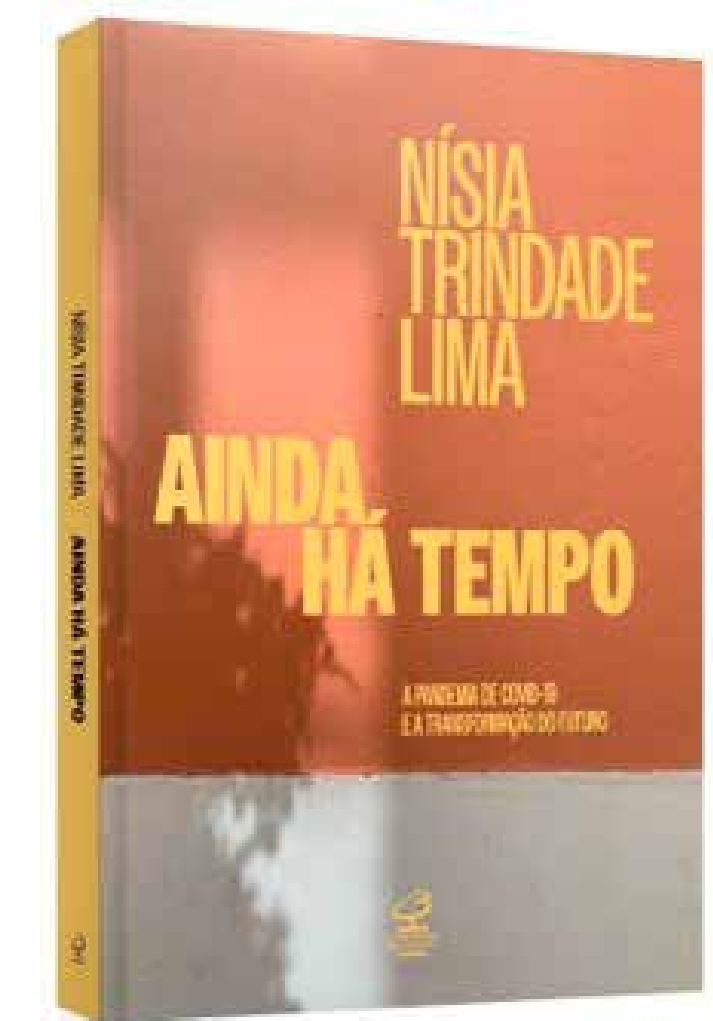
Neste relato, a ex-ministra assume um novo desafio em seu texto: o de se colocar simultaneamente como testemunha, protagonista e analista de uma crise sanitária sem precedentes no mundo. Em oito anos de trabalho, começando na Fiocruz e terminan-

do no governo federal, soma-se a coordenação de ações institucionais, a viabilização da vacinação no país, o trabalho com movimentos sociais e territórios de comunidades e periferias em todo o Brasil, a gestão das centrais de diagnóstico, participação em fóruns de saúde global coordenados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e tantas outras iniciativas articuladas com estados e municípios. Paralelamente, neste mesmo contexto, Nísia enfrentava uma postura anticientífica e o desprezo à vida em meio a uma atmosfera de negacionismo fomentada pelo então presidente da República.

“Ainda que tenhamos expressivo conjunto de trabalhos dedicados ao tema, reconstituir de forma ampla a história da pandemia de covid-19 no Brasil é uma tarefa ainda a ser empreendida. Minha pretensão foi bem mais modesta: trazer a público meu testemunho como alguém que, de uma posição institucional, procurou contribuir tanto quanto pôde com medidas não farmacológicas, vacinas, testes e medicamentos, e que, pela formação em pesquisa nas ciências sociais, desejava alargar o entendimento sobre a emergência pandêmica.”

Nísia apresenta suas versões como socióloga, sanitarista, gestora, mulher e cidadã politicamente engajada a fim de dividir com leitores a multiplicidade de histórias e perspectivas de um Brasil em transformação. “O silêncio é o pior adversário diante de traumas, ainda mais quando podemos considerá-los coletivos”, afirma Nísia. Por isso, ela escreve este relato, que entre os desafios de estar à frente da área da saúde em contextos desfavoráveis e novas projeções para um futuro instável, razão e sensibilidade se entrelaçam.

Sabendo que novas crises socioambientais no futuro serão inevitáveis, a obra não se limita a expor os absurdos a



serem combatidos, mas também propõe uma postura assertiva e esperançosa para enfrentar os desafios. Além de uma recapitulação da história recente, *Ainda há tempo* é uma chamada ao diálogo e à reflexão.

## SOBRE A AUTORA

Nísia Trindade é graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Ciência Política e doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ, atual IESP). É pesquisadora emérita e servidora de carreira na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que presidiu entre 2017 e 2022 – sendo a primeira mulher a ocupar esse cargo. Durante a pandemia de covid-19, teve atuação de destaque ao promover a parceria com a Uni-

versidade de Oxford e a indústria farmacêutica AstraZeneca para produção local da vacina. Foi ministra da Saúde do Brasil de 2023 a 2025 e hoje é pesquisadora emérita da Fiocruz e membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

Se gosta da WWrevista e acha que devemos continuar, contribua com qualquer valor através do PIX. Com sua ajuda financeira, poderemos investir ainda mais na qualidade da revista. Qualquer contribuição é bem-vinda. A redação agradece! Use a chave pix:

**(11) 99664-5072**

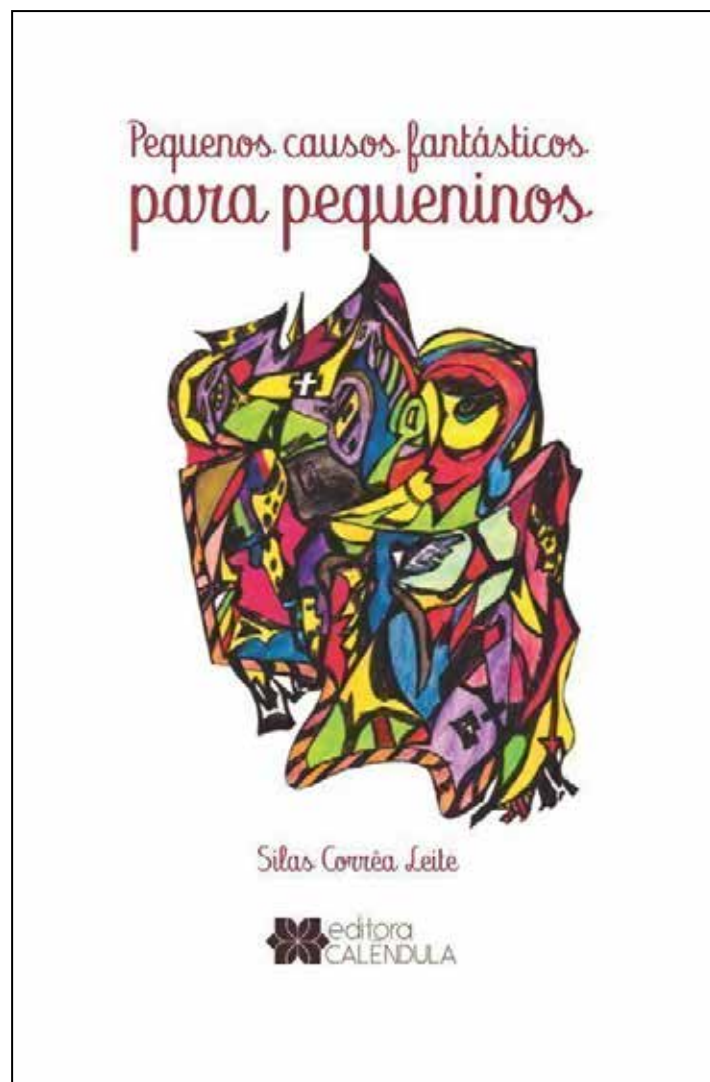
# Historietas Infantojuvenis na galáxia do arco-íris

**O LIVRO MÁGICO DAS BRINCANTES CONTENTICES HILÁRIAS SEM PÉ NEM CABEÇA**  
- Literatura Infanto-Juvenil

*Quando eu era criança Eu tinha um rio no bolso da algibeira E um sorriso na alma faceira Que se revelava no meu rosto purista e imberbe de sonhador Eu acreditava na Terra do Nunca sim sor Plantava meus sonhos; queria colher nuvens de chantilly E quando via os lotes de vacas do Gumercindo Achava que tudo aquilo era uma baita plantação de churrasco... Quando eu era criança Inocente, puro e ranhento; acreditava em Deus Tinha a fé como um motor E amava Santa Itararé das Artes acima e sobre todas as coisas Sonhava em me formar, vencer na vida Na toleima tirava tatus do nariz Era um piá com andar-de-segura-peido e calcanhar de frigideira... Quando eu era criança Itararezinha era tão dentro de mim Que a poesia - varinha de pirlimpimpim Fazia-me acreditar na alma humana; Itararé era tão linda E fico pensando nisso ainda Será que escrever meus poemetos saudosos e pueris Faz-me menino outra vez e agora de novo criança feliz, Na Galáxia do Arco-íris, como o amor e a fantasia são o meu país?... Silas Correia Leite -Quando eu era criança - Santa Itararé das Artes*

**HISTORIETAS DE PEQUENOS CAUSOS FANTÁSTICOS PARA PEQUENINOS na**

Galáxia do Arco-Íris é um livreto para ser lido com todas as janelas (da mente, da alma e do coração) abertas, respirando fluxos de sentimentos renovados em estimas de açúcar e de afetos desaprendidos... As crianças devem adorar, e até os que já foram bem crianças (ou se esqueceram de ser), certamente terão torneiras de luzes nas aventuras revisitadas. Causinhos encantados, microcontos pueris, poemetos de contentices, brincadeiras, trocadilhos, humor e muito mais, até o confeito dos cem (mais alguns bônus.) Guloseimas de palavras para colocar besouros azuis, carvões cor-de-rosa e presenças contentes na caixa de existência da imaginação. Flores de amor. Coisas que vão saindo no fluir da fantasia atizada. As crianças devem se sentir voando, lendo? Ora, se elas enxergam dentro das nuvens, então podem colher raízes e pétalas de todos os sonhos. Escrever para crianças dá nisso: exercício de libertação! O coração é visitado de relâmpagos de cascas de avelãs, a alma é purificada com talco de cascas de mexericas e a mente inventa um Pássaro-Flor para levar e trazer andanças de palavras e encruilhadas de surpresas. Viver é ser criança para sempre. Mas existem os pés de milho que se apaixonam por laranjeiras, agulhas de tricô que falam, esquilos que es-



culpem, ventos que querem ser música e por aí adiante. Como se num mundo mágico, terra da boa esperança. Essa é a entrada para a galáxia do Arco-íris e suas historietas. Tudo confeitado com estima para traduzir lampejos novos, canteiros de carinhos, nuvens de risos... Quem nunca foi criança vai se sentir em casa. Quem já foi vai catar gravetos de memórias e colocar fogo nas asas dos sentimentos. Peter Pan, Pinóquio, Moleque Saci, Cascão, Mandrake, Zorro, Tarzan, Fantasma, Príncipe Valente, Pateta, Peninha, Batman, Homem Aranha, Flash Gordon, Tintim, Kit Carson, Flecha Ligeira, Mônica, Pato Donald, afinal, que verdadeiro personagem o autor escritor premiado em verso e prosa busca loucamente ser no es-

crever-se, quando se desata a escrever encantários, escapatórios, estrelários, reinos e coquetéis de historietas fantásticas, como se a redesenhar coloridos balões extraordinários de si mesmo, e cujo historial já revela de antemão que o único "final feliz" nos animes, gibis e quadrinhos das vida é uma mistura de sons, cores, palavras, músicas, poemas, o que se harmoniza desde sempre, feito uma brilhante agulha de luz ferindo o pen-drive de sua colorida e imaginosa existencialização? Como disse Júlio Cortázar, "Tive uma infância na qual não fui feliz, e isso me marcou muito. Daí a minha fixação pelo mundo das crianças. Não tive filhos, mas amo-os profundamente. Eu acho que ainda sou infantil em um bom sentido: não



Silas Correia Leite no escritório das letras

aceito a realidade como ela é. Prefiro contar coisas fantásticas, brincar com as possibilidades. E talvez seja por isso que as crianças e eu nos entendemos tão bem, porque no mundo deles, o impossível ainda é possível". Por essas e outras, eis o livro; as historietas do livro PEQUENOS CAUSOS FANTÁSTICOS PARA PEQUENINOS Em "Pequenos causos fantásticos para pequeninos", o leitor é conduzido por um universo poético onde objetos falam, animais filosofam, estrelas guardam segredos e crianças reinventam o mundo com espanto e ternura. Entre minicontos, poemets, diálogos e fábulas contemporâneas, a obra celebra a imaginação infantil como forma de resistência à dureza da vida adulta. Com linguagem lírica, bem-humorada e profundamente simbólica, o livro mistura fantasia, inocência, crítica social e delicadeza afetiva, criando narrativas breves que dialogam tanto com crianças quanto com adultos que ainda preservam



O desenho da capa, na página anterior, é um desenho em abstrato primitivo heráldico ou naif de autoria do Silas entre outros tantos dos seus cadernos de rascunhos poéticos

a infância dentro de si. Cada página revela pequenas epifanias sobre amor, amizade, esperança, natureza e sensibilidade, compondo uma galáxia de imagens inventivas e reflexões poéticas capazes de despertar encantamento, riso e emoção.

**PARA COMPRAR**

<https://www.editoracalendula.com.br/produtos/pequenos-causos-fantasticos-para-pequeninos-vsgrn/>

**E-mail do autor:** [poesilas@terra.com.br](mailto:poesilas@terra.com.br) – [poesilas@gmail.com](mailto:poesilas@gmail.com)

Sites: [www.poetasilascorrealeite.com.br](http://www.poetasilascorrealeite.com.br)

[www.silascorrealeite.com](http://www.silascorrealeite.com)

## Pôr-do-sol com leão deitado

Mário Cláudio



Mário Cláudio continua a surpreender-nos com as suas propostas literárias, bem como com a linguagem vibrante e rica com que nos brinda a cada nova obra.

Na primeira parte deste livro, encontraremos um escritor que ficou recentemente sem mãe, e que ora partilha com os leitores os seus passeios higiênicos na zona onde vive, oferecendo-nos um retrato sociológico impagável de um cer-

to Porto, ora nos dá a conhecer as quezílias com o seu companheiro de anos, de quem parece diferir em quase tudo, excepto no afecto que os une.

Na segunda parte, pela voz de um dos seus tratadores, acompanharemos a vida de Sofala, um leão capturado em Moçambique ainda jovem, que viajou nos anos trinta até à Invicta para ser orgulhosamente mostrado na Exposição Colonial Portuguesa, após o que foi esquecido numa jaula.

Por fim, virá chamar-nos a figura do escritor António Nobre nos finais do século XIX, seja através da história da sua vida narrada por pena alheia, seja através da leitura do próprio diário, a que não escapam os constrangimentos das normas sociais da época, evidentemente castradoras das suas preferências sexuais.

“*Senhor de forte capacidade efabulatória e de uma prosa densa, tecida num tear de múltiplos fios, é um exímio criador de ambientes, de poderosos frescos humanos, e*

*um excepcional desenhador de personagens.*” Isabel Pires de Lima

«*Pela linguagem, em Mário Cláudio há um mundo, um universo e um sentido que se vai descobrindo e, com isso, qual esteta que modela a obra que habita em si, acedemos a vidas, histórias de algum modo em que nos descobrimos também.*» Maria Celeste Natário

“*Mário Cláudio é um autor muito especial, único no século XX português: falando de outros, é sempre de Si que fala. O todo da sua obra é uma espécie de biografia-de-Si.*” Miguel Real

**Mário Cláudio nasceu no Porto** é ficcionista, poeta, dramaturgo e ensaísta, é formado em Direito pela Universidade de Coimbra, diplomado com o Curso de Bibliotecário-Arquivista, da Faculdade de Letras da mesma Universidade, e Master of Arts em Biblioteconomia e Ciências Documentais, pela Universidade de Londres.

É autor de uma vasta e multifacetada obra que abarca a ficção, a crónica, a poesia, a dramaturgia, o ensaio, a literatura infanto-juvenil, e se encontra traduzida em várias

línguas.

Em 2019 foi-lhe atribuído o título de Doutor Honoris Causa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Sociedade Portuguesa de Autores apresentou-o recentemente como candidato ao Prémio Nobel da Literatura.

A sua obra ficcional, não raro composta por trilogias, inclui títulos como Amadeo, Guilhermina, Rosa, Gémeos, Camilo Broca, Tiago Veiga: Uma Biografia, Retrato de Rapaz, Astronomia, Tríptico da Salvação e Teoria das Nuvens.

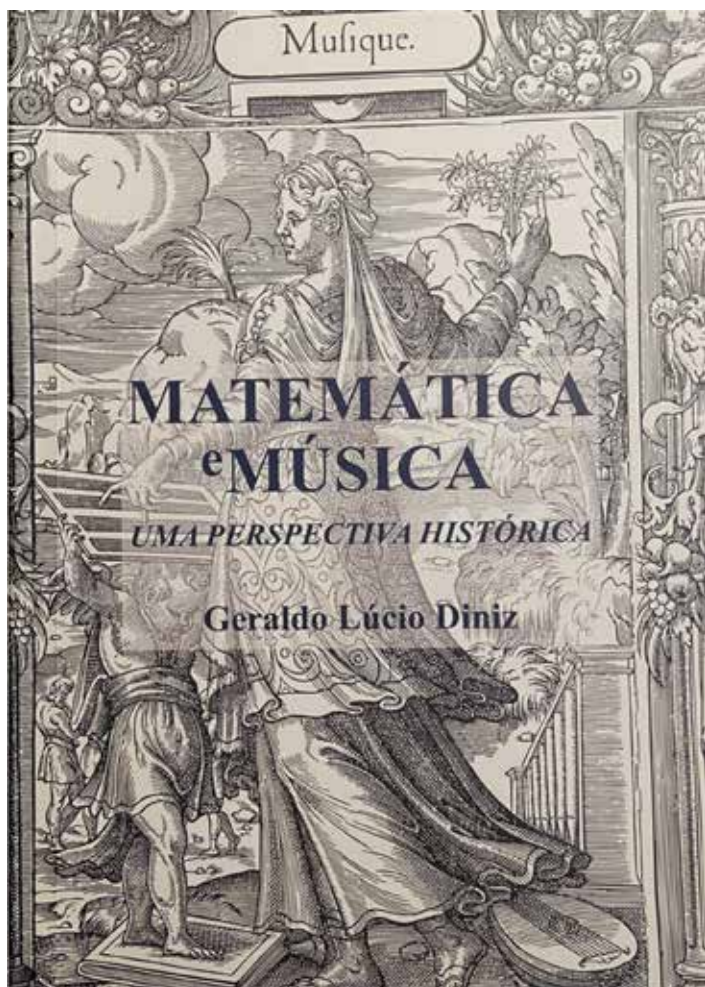
A sua poesia foi recentemente reunida num único volume intitulado Doze Mapas, e a Sociedade Portuguesa de Autores homenageou-o com um livro de entrevistas para comemorar os seus 50 anos de vida literária.

É também autor de letras para fado.

“Pôr-do-Sol com Leão Deitado”, de Mário Cláudio.

**SERVIÇO:** Literatura Lusófona 344 páginas 21,90 Euros 1.ª Edição: Junho 2026 Dom Quixote @ [domquixoteeditora](http://domquixoteeditora)

# Doze livros, doze vozes: AML promove grande celebração da literatura contemporânea no IV Lançamento Coletivo



**Doze livros, doze vozes: AML promove grande celebração da literatura contemporânea no IV Lançamento Coletivo**

Quarta edição do Lançamento Coletivo da AML reúne escritores de diferentes gerações, estilos e trajetórias em um encontro dedicado aos livros, aos leitores e à criação literária

Há livros que nascem em silêncio. Outros atravessam anos de pesquisa, memória e imaginação até encontrarem seus leitores. No dia 4 de julho, das 10h às 13h30, a Academia Mineira de Letras abre suas portas para celebrar esse encontro. A instituição realiza o IV Lançamento Coletivo da AML, reunindo 12 autores e autoras que apresentarão obras publicadas entre 2025 e 2026 em uma manhã dedicada à palavra, à escuta e à troca de experiências. O evento é gratuito e aberto ao público. A iniciativa destaca a diversidade da produção literária contemporânea e reafirma o compromisso da Aca-

demia com o estímulo à leitura e à criação. Ao longo da programação, cada participante terá cerca de 15 minutos para compartilhar sua obra, ler trechos, comentar o processo de escrita e conversar com o público. Durante todo o evento, haverá sessão de autógrafos e venda de livros.

**Participam desta edição os escritores Brenda Marques Pena, Celso Vieira, Clara Amorim, Cristina Souza, Deborah R. Sousa, Geraldo Lúcio Diniz, Gleidston Alis, Lélia Parreira Duarte, Luzia Inês Martins, Moba Nepe Zinid, Patrícia Lucchesi e Sérgio Edriane Rezende,** compondo um mosaico de vozes, temas e perspectivas que refletem a riqueza da literatura produzida em Minas Gerais e no Brasil. Para o escritor e pesquisador Geraldo Lúcio Diniz, autor de *Matemática e música: uma perspectiva histórica*, participar do evento representa uma oportunidade de aproximação entre autores e leitores. “Estou muito feliz e honrado pela oportunidade de poder participar

desse lançamento coletivo. A AML é uma prestigiada instituição que muito tem feito em prol da leitura e dos escritores mineiros”, afirma.

A poeta Clara Amorim, autora de *Salto*, destaca a importância da iniciativa para a valorização da literatura contemporânea. “É relevante ver essa instituição se abrindo para receber e divulgar obras de autores contemporâneos, muitas vezes independentes, e apostando na potência da diversidade na literatura”, afirma. Para Luzia Inês Martins, autora de *O segredo das mulheres do engenho*, integrar a programação representa um importante momento de sua caminhada como escritora. “Vivenciar este momento ao lado de tantos talentos mineiros é uma oportunidade preciosa para divulgar e consolidar a minha obra”, destaca.

Para o poeta Gleidston Alis, autor de *Muntuêra*, lançar um livro continua sendo um gesto de resistência e confiança na força da literatura. “Em tempos de inteligência artificial, publicar livros, es-

pecialmente de poesia, pode parecer uma ideia fora de lugar. Ainda assim, seguimos insistindo nessa antiga mania humana de fazer literatura. A oportunidade aberta pela Academia Mineira de Letras para este lançamento coletivo nos enche de entusiasmo, tanto pela possibilidade de compartilhar nossas obras com leitores atentos quanto pela chancela de uma instituição tão tradicional”, afirma.

Segundo o presidente da Academia Mineira de Letras, Jacyntho Lins Brandão, o lançamento coletivo amplia o sentido de celebração que acompanha o nascimento de cada livro. “Lançamentos de livros são acontecimentos sociais, cujo maior mérito, além de tornar conhecidas as obras, está na capacidade de reunir pessoas em festa. Um lançamento coletivo potencializa essas qualidades, sendo por isso que a AML tem promovido eventos desse tipo ao fim de cada semestre. Nesse entrelaçamento em torno de pessoas e livros se encontram os ingredientes que

permitted o lançamento coletivo se tornar uma bela festa”, afirma o intelectual.

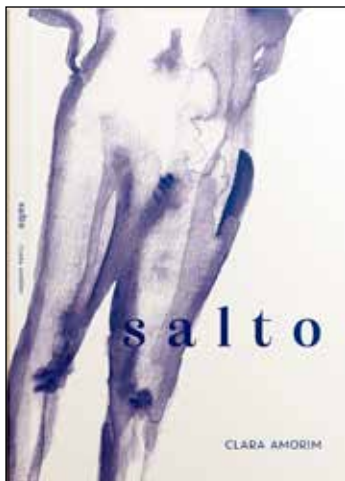
Mais do que uma vitrine de publicações recentes, o IV Lançamento Coletivo da AML convida o público a percorrer diferentes universos literários e a celebrar a permanência do livro como espaço de encontro, imaginação e diálogo. O evento é uma iniciativa da AML e acontece no âmbito do “Plano Anual Academia Mineira de Letras – AML (PRONAC 256536)”, previsto na Lei Federal de Incentivo à Cultura, e tem o patrocínio do Instituto Unimed-BH – por meio do incentivo fiscal de mais de cinco mil e novecentos médicos cooperados e colaboradores. O evento tem apoio da MinasMáquinas.

#### SOBRE AUTORES PARTICIPANTES

**Brenda Mar(que)s Pena** é escritora, jornalista, e produtora cultural. Editora de texto e produtora na Rede Minas de Televisão. Doutoranda em Estudos de Linguagens (CEFET-MG). Diretora-fundadora do Instituto Imersão Latina e da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil - AJEB-MG.

**Celso Vieira** foi pesquisador visitante na Universidade do Texas em Austin

Livro Salto de Clara Amorim, abaixo



e pesquisador associado na Universidade Ruhr, em Bochum, onde o seminário “Ursprüngliche Fragestellung: die philosophischen Weltsysteme der Vorsokratiker” serviu de base para o presente livro. Atualmente é professor visitante na UFMG. De Platão, ele traduziu o Crátilo e o Alcibiades I. A sua área de competência abrange as margens da filosofia: de um lado, os pré-socráticos, tema antigo o bastante para muitos considerarem ainda não ser filosofia; de outro lado, a filosofia experimental, método suficientemente novo para muitos julgarem já não ser mais filosofia.

**Clara Amorim** é escritora, professora e mediadora de leitura. Autora de Salto (Curva, 2025), Canção para fazer o sol nascer (2022) e coautora da coletânea de poemas Corpo de terra (Quelônio, 2021). É formada em Letras (UFMG) e pós-graduada em Gestos da escrita (Casa Tombada, SP). Ministra oficinas de leitura e de criação literária.

**Cristina Souza** é Doutora em Estudos Literários pela UFMG, escritora, pesquisadora e agente cultural. Desde 2002, pesquisa a literatura do escritor Fernando Sabino, com publicações e participações em eventos acadêmicos. Neste lançamento, apresenta obra derivada de sua pesquisa de tese realizada sobre acervo, vida e obra do escritor mineiro.

**Deborah R. Sousa** é escritora, psicóloga (UFMG), letróloga com ênfase em estudos literários (UFMG) e pós-graduada em gestão (FDC). Atua há 13 anos com gestão e produção cultural, além da elaboração de projetos, em áreas como literatura, música, patrimônio, cinema e teatro. Desde 2016, pesquisa e estuda literatura e escrita criativa, realizando, a partir de 2025, rodas de conversa e oficinas em espaços públicos de Belo Horizonte. Em 2021, lançou seu primeiro livro, A História de Todas as Famílias (Crivo Editorial). Pontos Perdidos é seu segundo livro e primei-

**Luiza Inês Martins**



ro romance.

**Geraldo Lúcio Diniz** (Divinópolis-MG, 1958), formou-se no ICEX da UFMG no curso de Licenciatura em Matemática, com mestrado em Matemática Aplicada pelo IMECC na Unicamp e doutorado em Engenharia Elétrica e de Computação pela FEEC da Unicamp. É professor titular aposentado da UFMT e pesquisador na área de Ecologia Matemática. Com 54 orientações concluídas, 64 publicações acadêmicas, participou de 4 eventos no exterior e 58 no Brasil, colaborando na organização de 16 eventos.

**Gleidston Alis** é doutor em Estudos Literários pela UFMG, professor, cantor, escritor, performer e interessado por manifestações interartes. Como escritor, ganhou seu primeiro prêmio literário em 2006 (Prêmio Ferreira de Castro - Portugal) e, desde então, teve seus trabalhos reconhecidos e publicados em livros, revistas literárias e premiações nacionais. Publicou o livro-objeto em 2019 (edição do autor) e os livros mixaria (2024) e Muntuêra (2025) pela editora TAUP. Concluiu o pós-doutorado com o projeto “Leituras e releituras de poesia brasileira” em 2023.

**Lélia Parreira Duarte** é escritora, Professora Titular (aposentada) da UFMG e da PUC Minas.

**Luzia Martins** é escritora. Membro da AMBA e da AJEB. Premiações em concursos na categoria poemas: Universidade Estadual do Maranhão (2024); XXVII Antologia Poética de Diversos Autores, da PoeArt Editora (2024). Na categoria prosa: 1º lugar, com o prefácio de um de seus romances, na Editora Mágico de Oz (2024); 2º lugar, na AJEB-MG, na categoria conto (2025). Seu último romance está entre os finalistas do Prêmio Ecos da Literatura 2026. Possui 9 obras publicadas. Presente na Bienal Internacional de São Paulo (2024), na Bienal Mineira do Livro (2025), com a temática “Na literatura também se diz ‘não’ ao abuso sexual”. Presente na FLIOP com a temática “Representatividade e diversidade na ficção” (2025).

**Gleidston Alis**



**Moba Nepe Zinid** é doutora em Estudos de Linguagens (Cefet-MG). Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG). Licenciada e bacharel em Letras Portuguesas (UFMG). Bacharel em Direito (Fadsete). Farmacêutica (UFMG). Especialista em Bioquímica (UFMG). Membro da Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE). Apresentadora do Infortec Lança. Autora de livros infantojuvenis.

**Patrícia Lucchesi** é escritora, pesquisadora e coordenadora do projeto cultural Estação Filosofia. Possui doutorado em Filosofia Antiga pela UFMG (2022), mestrado em Filosofia Antiga pela UFMG (2014), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela UEMG (1994) e Bacharelado em Psicologia (1993).

**Sérgio Edriane** é médico e escritor. Tem pós graduação em Escrita Criativa pelo NESPE e frequentou vários cursos na AML. Seu romance de ficção urbana histórica, O Fantasma da Serra, será publicado este ano. Na métrica do haikai foi lançado na Bienal Rio 2025 e é uma autopublicação bilingue - Português/ Japonês.

APOIO: INSTITUTO UNIMED-BH  
Acesse [www.institutounimedbh.com.br](http://www.institutounimedbh.com.br) e saiba mais.

**SERVIÇO IV Lançamento Coletivo da Academia Mineira de Letras** Com Brenda Marques Pena, Celso Vieira, Clara Amorim, Cristina Souza, Deborah R. Sousa, Geraldo Lúcio Diniz, Gleidston Alis, Lélia Parreira Duarte, Luzia Inês Martins, Moba Nepe Zinid, Patrícia Lucchesi e Sérgio Edriane Rezende / Data: 04 de julho, a partir das 10h / Local: Academia Mineira de Letras @amletras [Rua da Bahia, 1466 – Centro] / Entrada gratuita

**Geraldo Lúcio Diniz**



# Romance premiado “Sob o Céu de Isaías”, de Vítor Kappel, utiliza tragicomédia para narrar história sobre descobertas e amadurecimento

Publicada pela Patuá editorapatuá, obra traz protagonista LGBTQIAPN+ em ambiente opressor durante o seu último ano escolar

Em seu romance de estreia, “Sob o Céu de Isaías”, o escritor fluminense Vítor Kappel [@vitor\\_kappel](#) apresenta uma trama LGBTQIAPN+ envolvente, capaz de se aprofundar em temas como sexualidade, descobertas, amadurecimento e resistência, com sensibilidade e, ao mesmo tempo, leveza. A obra foi publicada pela Editora Patuá [@editorapatua](#), com texto de orelha da autora Carol Bensimon e texto de quarta capa assinado pela escritora Helena Terra. A obra foi contemplada pelo Prêmio Talentos Helvético-Brasileiros e ficou em 2º lugar no Tato Literário – Prêmio com.tato de Literatura Independente.

A narrativa constrói um retrato tragicômico sobre o amadurecimento de um estudante que vivencia todas as turbulências do último ano da escola, enquanto sonha em deixar a cidade natal e iniciar uma vida nova. No percurso, envolve-se com uma rede criminosa e desenvolve um vínculo afetivo transformador com Bernardo, seu colega de classe.

A ideia de colocar o protagonista em um ambiente opressor representado por uma cidade pequena veio da observação do cotidiano brasileiro e de experiências pessoais do próprio autor. “Muito da ambientação reforça o grau contraditório entre a sensação de liberdade e o caráter de cons-



trição de cidades menores no país. No caso, cresci no interior do Rio, mas creio que todos nós conhecemos e tivemos experiências em lugares aparentemente tranquilos, mas com atmosferas um tanto opressoras”, justifica.

Da mesma forma, o personagem central da obra também traz um pouco do próprio escritor. “Se eu dissesse que o Isaías não tem nada de mim, estaria mentindo um pouquinho. Mas também não consigo dizer que sou eu no papel. Ele está mais para um reflexo de espelho de parque de diversões: uma imagem comicamente distorcida. E mais trágica também”, aponta Vítor. “A verdade é que Isaías é muito mais esperto e interessante – a vida real tem menos graça. Eu não fui colocado tanto à prova quanto ele.”

## O humor agridoce de Vítor Kappel

O romance é marcado pela linguagem envolvente e por uma elaborada comédia dra-

mática, capaz de arrancar risos e lágrimas na mesma proporção. A combinação entre o humor e a delicadeza chamou a atenção da escritora Carol Bensimon, que assina o texto de orelha da obra. “As aventuras desse herói singular, Isaías Petit, são narradas com um humor agridoce, incomum para um romance de formação queer, e não são necessárias muitas páginas para que o adolescente perspicaz das ideias esquisitas ‘salte’ do livro e desperte em nós uma profunda empatia”, destaca.

A autora Helena Terra também chama a atenção para os elementos tragicômicos no texto da quarta capa. “Trago a frase, do Dostoiévski, ‘a alegria no homem é o traço que mais o revela, e por inteiro’ para falar sobre Isaías, o protagonista deste romance, ele próprio complexo como se fosse um livro e abocanhasse, com sua pulsão de vida e com seu senso de humor, todos os demais personagens, porque Isaías é um menino que não adia a vida e que é capaz de reinventar-se na cidade pequena em que vive, na escola e em casa”, analisa.

## Um país repleto de preconceitos

A presença do humor, inclusive, muitas vezes é utilizada como recurso para evidenciar os preconceitos e contradições tão recorrentes no Brasil. O autor ressalta que, ao longo dos seus dilemas sobre sexualidade, Isaías encara o resumo de um país recheado de mazelas e preconceitos, “de modo que há um paralelismo poderoso em seu ritual de passagem para a fase adulta, ao ter que enfrentar tudo isso com certa graça e tenacidade”. “O livro aborda um puritanismo que assola o país e que se manifesta impondo códigos de conduta em nome de valores ‘tradicionais’, sendo o colégio mais um desses espaços”, ressalta Vítor.

Muitos desses preconceitos se tornam ainda mais perceptíveis a partir da aproximação entre Isaías e Bernardo. Por ou-

tro lado, mesmo diante dos perigos que os cercam, os colegas de classe constroem uma relação repleta de carinho, o que leva o protagonista a enxergar a possibilidade de construir a própria história e enfrentar os moldes sociais impostos.

Para encontrar o tom e os temas centrais da narrativa, Vítor Kappel teve como referências livros como “O Quarto de Giovanni”, de James Baldwin, e “As desventuras de Arthur Less”, de Andrew Sean Greer. “Este último traz um pouco do tom leve de ‘Sob o Céu de Isaías’. O humor aparece como uma salvação. Mesmo na tragédia, ou até por conta dela, Isaías traz em seus ombros uma amostra dessa sagacidade. O protagonista diversas vezes se atrapalha, ‘tropeça’, mas é justamente no movimento cômico que surge a graça existencial. A prosa não nega o sofrimento de Isaías, mas o envolve num abraço leve, como quem diz: sim, tudo é complicado – mas veja como é bonito tropeçar no meio do caminho”, completa.

## Sobre o autor

Vítor Kappel nasceu em Nova Friburgo (RJ) em 1986 e hoje vive no Rio de Janeiro (RJ). É graduado em Engenharia de Produção pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Gestão Empresarial com Foco em Inovação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Trabalhou na última década com apoio a projetos audiovisuais, pesquisa e inovação no país. Mais recentemente, passou a se dedicar a escrever obras de ficção.

“Sob o céu de Isaías” é seu romance de estreia. Recebeu o Prêmio Talentos Helvético-Brasileiros e ficou em 2º lugar no Tato Literário – Prêmio com.tato de Literatura Independente.

**SERVIÇO:** Sob o Céu de Isaías, Vítor Kappel Editora: Patuá, 2025 - 292 págs Vendas: Editora Patuá e Amazon



# Quem constrói o Brasil não está nas placas: novo livro de Igor dos Santos Mota confronta apagamentos históricos pela poesia

Em “Se essa Rua fosse minha”, autor baiano transforma memória, classe trabalhadora e crítica ao cânone em uma escavação política do país

O que sustenta o Brasil quando se olha para além de suas superfícies? Em *Se essa Rua fosse minha* (<https://mondru.com/produto/se-essa-rua-fose-minha/>), terceiro livro de Igor dos Santos Mota, a resposta não se organiza como síntese, mas como escavação. Publicado pela Mondru, o livro parte de uma investigação poética que atravessa história, linguagem e experiência, propondo uma leitura do país a partir de suas camadas menos visíveis.

A edição conta com capa ilustrada por Gabriel Bastos e texto de quarta capa assinado pela escritora Jarid Arraes, vencedora dos prêmios APCA e Biblioteca Nacional e finalista do Jabuti, que define a obra como “o que sonho e o que desejo para a poesia brasileira”. Segundo ela, “a escrita de Igor me chega tão nova, corajosa. É de uma genialidade chocante”.

Finalista do *DPF Prize for Poetry 2025/26*, semifinalista do *New Writers UK Poetry Competition 2025* e primeiro lugar no Concurso Literário Noite da Poesia (2024), o autor chega ao novo livro após gravar o *Instinto* (em parceria com Danielle Tosta) e seu peçoço cansado de seguir teu rastro.

## Entre memória, identidade e território

Os três eixos que atravessam o livro — memória, identidade e território — se articulam como dimensões inseparáveis da experiência histórica e da formação cultural brasileira.

Organizado em três “fiadas”, em referência direta à construção civil, o livro constrói uma arquitetura própria. A escolha formal não é decorativa, mas estrutural: nasce de uma relação íntima do autor com o universo do trabalho. “Minha família tem uma ligação muito forte com a construção civil: caminhoneiros, pedreiros, mineradores”, afirma.

Ao deslocar essa herança para o campo da linguagem, o livro transforma memória familiar em princípio de composição.

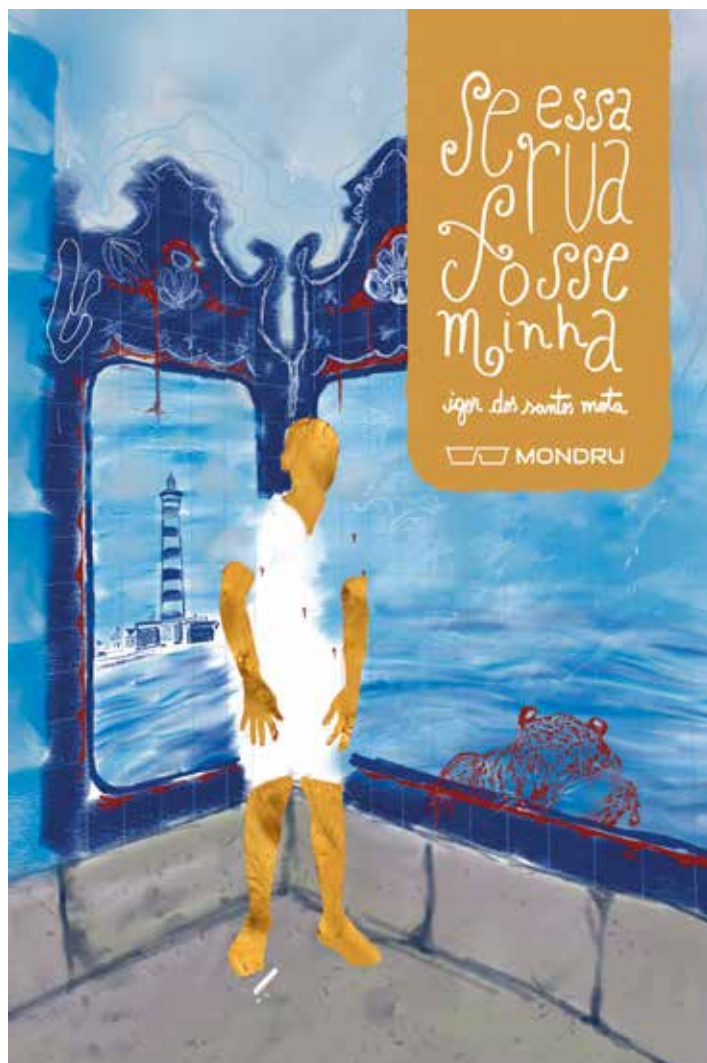
A primeira parte, *Confissões do Lodo*, propõe uma recontação da história do Brasil a partir de traumas e violências que persistem como matéria não resolvida. A escrita se organiza por acúmulo e tensão, operando na fricção entre o que foi narrado e o que permaneceu soterrado. Não por acaso, o livro se inicia com uma afirmação que atravessa toda a obra: “todo poema começa com um engasgo”.

Na segunda parte, *Autópsia das Entranhas*, a estratégia se desloca para a sátira. A criação de um crítico fictício permite tensionar um modelo de leitura que, sob a aparência de neutralidade, desconsidera os atravessamentos históricos e políticos da arte. “Essa ideia de ignorar completamente a vida do artista e só focar na obra se torna meio ofensiva”, afirma. O alvo é um modo de legitimação que, segundo ele, ainda marginaliza produções fora do eixo dominante.

A terceira parte, *Poética das Fissuras*, concentra o movimento mais radical do livro. Nela, surgem nomes próprios, vozes familiares e personagens que não costumam ocupar o centro da narrativa literária. A linguagem se aproxima da oralidade, incorporando o que o autor define como uma “língua caatingueira”. Ao fazer isso, o livro não apenas representa essas vozes, mas reorganiza o próprio campo de enunciação da poesia.

## Uma poesia entre deslocamentos geográficos

Nascido em 2000 e criado no povoado de Bela Vista, às margens do açude Jacurici, em Cansanção (BA), Igor dos Santos Mota é doutorando em Educação pela Universidade de Derby, na Inglaterra, para



onde se mudou em 2024. Foi a experiência de imigrante — primeiro em Portugal, depois no Reino Unido — que fez borbulhar os temas centrais do livro.

Escrito ao longo de três anos, em diferentes países, o projeto amadurece a partir dessa vivência. “Foi fora do Brasil que percebi tanto a permanência da ferida colonial quanto uma solidariedade possível entre trabalhadores de diferentes países”, afirma.

Além da atuação como poeta, o autor é professor, tradutor e pesquisador. É licenciado em Letras com Inglês pela Universidade Estadual de Feira de Santana e foi bolsista de mobilidade acadêmica na Universidade do Minho, em Portugal. Também conquistou o 2º lugar no Festival de Poesia de Lisboa (2025), entre outras premiações.

Entre as referências assumidas, escritores nordestinos como Adelaide Ivánova, Paulo Freire e Nêgo Bispo aparecem como presenças formativas. A leitura de Asma, de Ivánova, foi decisiva para o projeto. “Quando li, entendi que meu livro podia existir”, afirma. Um conselho da poeta pernambucana é, inclusive, citado em um dos poemas do livro: “como Adelaide / me ensinou / e repito / após escreva / você / escreva”.

Com esse lançamento, Igor dos Santos Mota consolida uma poética que articula experiência, linguagem e crítica, deslocando o olhar para aquilo que estrutura o Brasil e permanece, em grande medida, invisível.

**SERVIÇO:** *Se essa Rua fosse minha*, Igor dos Santos Mota Editora: Mondru @mondrueditora 2026, 144 págs., Preço de capa: R\$59,90

# 26 anos de história, credibilidade e paixão pelo mercado de Leilões

Celebrar 26 anos de existência é muito mais do que comemorar uma data, gratidão por ter uma multidão de mãos dadas a minha. É olhar para uma trajetória construída com dedicação, perseverança, trabalho sério e, acima de tudo, amor pela comunicação.

O Jornal Primeiro Lance chega a este marco histórico com a satisfação de quem ajudou a acompanhar e registrar a evolução do mercado de leilões tornando-se uma referência respeitada por profissionais, empresas, investidores e leitores em todo o Brasil e além de nossas fronteiras.

Ao longo dessas mais de duas décadas, o Jornal Primeiro Lance não foi apenas um veículo de comunicação. Tornou-se um elo entre oportunidades e pessoas, entre negócios e investidores, entre a informação e a tomada de decisão. Em suas páginas, milhares de histórias foram contadas, grandes negócios foram divulgados, importantes leilões ganharam visibilidade e inúmeras conexões foram criadas. O jornal cresceu junto com o mercado e conquistou a confiança de uma comunidade que valoriza a transparência, a credibilidade e a informação de qualidade.

Cada edição publicada carrega um pouco da história de quem acreditou neste projeto desde o início. Foram anos acompanhando leiloeiros oficiais, magistrados, advogados, administradores judiciais, instituições financeiras, empresários, produtores rurais, investidores e tantos outros profissionais que movimentam diariamente um dos setores mais importantes da economia.

O Jornal Primeiro Lance teve o privilégio de estar presente em momentos decisivos, registrando transformações, celebrando conquistas e divulgando oportunidades que ajudaram a impulsionar negócios por todo o país

O tempo passou, a tecnologia evoluiu, os processos se modernizaram e o mercado tornou-se cada vez mais dinâmico.

O Jornal Primeiro Lance acompanhou cada uma dessas mudanças sem perder sua essência. Ao contrário, fortaleceu seu compromisso com a inovação, ampliando sua presença digital e preparando novos projetos, que irão conectar ainda mais pessoas, empresas e oportunidades.

O lançamento do aplicativo, a expansão para novas plataformas de comunicação e os investimentos em rádio e televisão digital demonstram que a mesma coragem empreendedora que deu origem ao jornal continua viva e olhando para o futuro. Mas nenhuma conquista seria possível sem aqueles que caminharam conosco durante todos esses anos.

Aos leitores, anunciantes, parceiros comerciais, leiloeiros oficiais, tribunais, instituições públicas e privadas, empresas e profissionais que confiaram no trabalho do Jornal Primeiro Lance, fica registrada nossa mais profunda gratidão. São vocês que transformaram este jornal em uma marca reconhecida, admirada e presente na vida de milhões de pessoas que buscam informação confiável e oportunidades reais. Em especial, dirigimos nosso reconhecimento ao universo do Judiciário brasileiro. Os leilões judiciais representam uma importante ferramenta para a efetividade da Justiça, para a recuperação de créditos.

Ao longo desses 26 anos, o Jornal Primeiro Lance teve a honra de acompanhar esse tra-

balho, divulgar editais, valorizar profissionais e contribuir para que as oportunidades alcançassem um público cada vez maior. Por isso, neste momento de celebração, renovamos nosso convite aos Tribunais, magistrados, servidores, leiloeiros oficiais, administradores judiciais, escritórios de advocacia e instituições que fazem parte desse ecossistema tão relevante para o país.

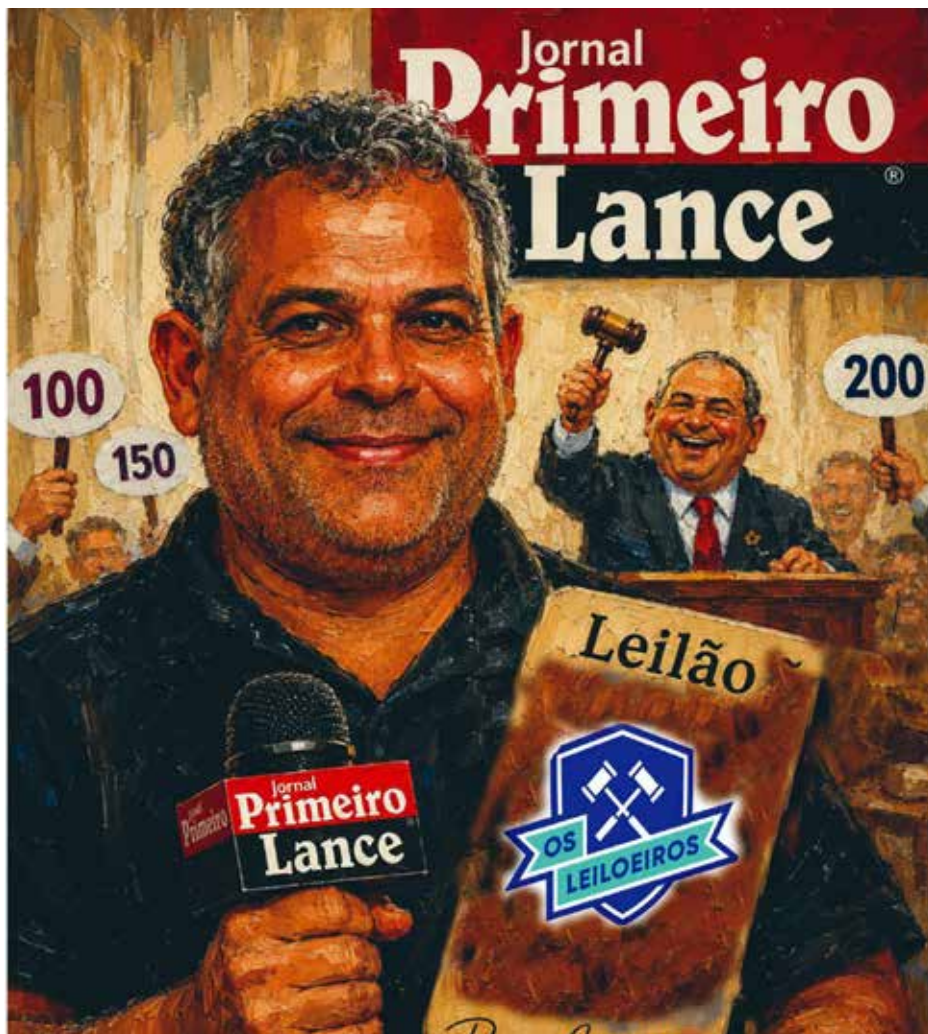
O Jornal Primeiro Lance continua de portas abertas para divulgar iniciativas, projetos, eventos, leilões e ações que fortaleçam o setor e ampliem o acesso à informação. Celebrar 26 anos é agradecer pelo passado, trabalhar com responsabilidade no presente e acreditar no futuro.

E o futuro nos inspira. Inspiram-nos as novas tecnologias, os novos mercados, os novos leitores e as infinitas possibilidades que surgem quando credibilidade, trabalho e paixão caminham juntos.

O Jornal Primeiro Lance chega aos seus 26 anos com a mesma energia de seu primeiro dia de circulação, mas com a experiência, a maturidade e o reconhecimento de uma trajetória sólida. Continuaremos honrando nossa missão de informar, conectar pessoas, divulgar oportunidades e contribuir para o crescimento do mercado de leilões.

A todos que fizeram parte desta história, nosso muito obrigado. Seguimos em frente, com fé, entusiasmo e a certeza de que os melhores capítulos ainda estão por vir. Jornal Primeiro Lance: 26 anos de sucesso, tradição e compromisso com o mercado de leilões.

**Passos Camargos**



# Poeta carioca Milena Martins Moura transforma escrita em jogo poético sobre trauma, autoria e neurodivergência em novo livro

Publicado pela Macabéa [@macabeaedicoes](https://www.macabeaedicoes.com), “o carro de apolo capotou no horizonte”, vencedor do Prêmio LOBA de 2025, investiga com irreverência os ditos e não ditos da criação literária e do amadurecimento

“Vida e dor estão entrelaçadas, Milena conclui, e o ato de escrever está atrelado a esse estranho enlace que a gente, quando cria, tenta a todo custo alcançar. Viver, assim como escrever, é chafurdar nessa lama.”  
*Trecho da orelha, assinado pela escritora Thaís Campolina*



“o carro de apolo capotou no horizonte” (Macabéa Edições, 156 págs.), novo livro de poesia da escritora, tradutora, editora e pesquisadora Milena Martins Moura ([@milena.martins.moura](https://www.milena.martins.moura.com)) articula a dor, o trauma e o desconforto de crescer sendo uma mulher autista em um mundo que não a acolhe. Vencedora do Prêmio LOBA de 2025, a obra também se destaca por reunir paratextos assinados exclusivamente por escritoras: a orelha é de Thaís Campolina, o prefácio de Luizza Milczanowski e o posfácio de Ana Luiza Rigueto.

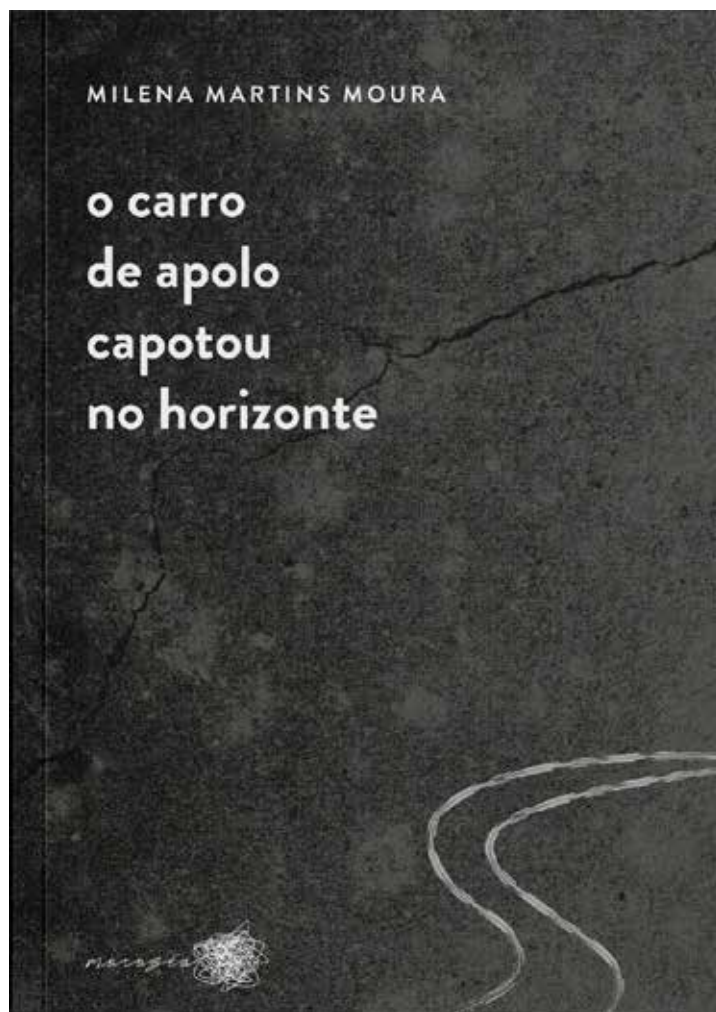
Construído a partir de recursos como repetição e rasura de versos, o livro assume a forma de um caderno de rascunho, simulando a exposição do próprio processo criativo. Nesse gesto, Milena propõe uma investigação existencial que atravessa memória, dor e escrita, ao mesmo tempo em que tensiona os limites do autobiográfico e estabelece um jogo com o leitor. Como a própria autora afirma: “Sobre o pretensão elemento autobiográfico, o livro brinca com ele, essa tentativa crítica. Narrar é recortar o real. E por isso mesmo, toda narrativa já parte de um pressuposto de falta.”

Ainda que marcado por irreverência, o livro é atravessado por uma dor latente. No prefácio, Luizza Milcza-

nowski observa: “Ironizando as tragédias dessa existência não solicitada, Milena nos diz que a vida é dor. Dor é prova de vida. Afinal, não há como condensar de outra maneira a sensação de estar soterrada num canto diante do mundo estrangeiro quando ainda estamos tentando entender: ‘ora, o que estou fazendo aqui?’”

O humor emerge do encontro entre o cotidiano e o absurdo — seja nas situações chocantes naturalizadas, seja na forma como certos comportamentos são socialmente percebidos. Sob essa perspectiva, Ana Luiza Rigueto aponta que essa dimensão tragicômica se manifesta também nas rasuras e nos pensamentos quase intrusivos que o eu lírico deixa escapar. Em diálogo com essa leitura, Aline Aimeé, em resenha publicada em seu canal, destaca o erro como método na obra. Já Milena define a voz poética construída no livro como “uma metáfora da minha pobre geração perdida num mundo em colapso, nostálgica de um mundo que já não existe, catando os cavacos e recolhendo os cacos de esperanças de grandeza que nos prometeram e nunca serão cumpridas.”

**O corpo feminino e neurodivergente como centro da criação**



Semifinalista do Prêmio Jabuti de 2024 com O cordeiro e os pecados dividindo o pão (Aboio, 2023), Milena Martins Moura nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, em 1986. É mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua também como editora da revista cassandra.

Sua trajetória inclui os livros Promessa Vazia (Multifoco, 2011), Os Oráculos dos meus Óculos (Multifoco, 2014), A Orquestra dos Inocentes Condenados (Primata, 2021) e o plaquete Banquete dos Séculos (edição da autora, 2021). o carro de apolo capotou no horizonte (Macabéa Edições, 2025) é sua obra mais recente.

Entre suas principais refe-

rências estão Leila Miccolis, Viviane Mosé, Caio Fernando Abreu, Bruna Mitrano, Manoel de Barros, Sylvia Plath e Hozier. A autora também destaca Bruna Beber, pela influência em seu viés mais irreverente, e Adélia Prado, pela crítica à religião cristã.

Sobre os próximos passos, Milena revela ter um romance e um livro de contos já finalizados — o romance, inclusive, foi finalista do Prêmio SESC de Literatura em 2025.

**SERVIÇO:** O carro de apolo capotou no horizonte, Milena Martins Moura, Macabéa Edições, Ano: 2025, 156págs. Poesia Prêmio: Vencedor do Prêmio LOBA 2025 (categoria poesia publicada)

Adquira: <https://www.macabeaedicoes.com/pagina-de-produto/o-carro-de-apollo-capotou-no-horizonte>



Desenhos de **Virgil Finlay (1914 – 1971)**, acima e abaixo *Orestes perseguido pelas Fúrias*, inteira e destaques, de **William-Adolphe Bouguereau, 1862** #visual\_arts 1



# Novo livro de Giu Yukari Murakami cruza Amazônia e Japão em romance infantojuvenil de fantasia

Publicado pela Rocco, 'Flauta de Bambu' transforma o encontro das águas em símbolo de identidade, família e pertencimento

O fenômeno da pororoca — o choque entre o rio amazônico e o mar — se torna imagem central de Flauta de Bambu (Editora Rocco, 328 págs.), novo livro de Giu Yukari Murakami. A partir desse encontro simbólico, a autora constrói uma narrativa infantojuvenil de fantasia que cruza ancestralidade japonesa, cultura nortista e a busca por pertencimento. "A própria estética do livro é baseada no 'encontro das águas' entre o rio amazônico, onde minha protagonista vive, e o mar, por onde seus avós vieram após emigrarem do Japão", explica.

A história acompanha Aiko, uma menina de treze anos que vive em Belém do Pará e carrega no cotidiano as tensões típicas da adolescência: o bullying na escola, enfrentado ao lado do amigo Nilo, e as brigas constantes dos pais. Menos crédula do que na infância, Aiko reluta quando sua avó, Masumi, pede que ela encontre uma amiga perdida há décadas.

Masumi, a batchan (avó, em japonês), é uma exímia contadora de histórias que marcou profundamente a infância da neta. No passado, ela e Kimiko, ainda crianças, fugiram dos horrores da guerra a bordo de um navio. Masumi conseguiu completar a travessia até o Brasil; Kimiko ficou para trás, perdida nos mistérios do mar. Já idosa e com a saúde debilitada, Masumi volta a sentir a presença da amiga por meio da música de uma flauta de bambu, instrumento que ambas tocavam quando meninas.

Movida pelo amor à avó, Aiko aceita a missão. Entre tradições japonesas herdadas da família e a vida amazônica que a cerca, a garota descobre que a magia pode estar inscrita na própria história familiar, com a mesma força do encontro entre rio e mar. A jornada da protagonista é atravessada por elementos da fantasia, da amizade e da memória, ressignificando o conceito do Akai Ito, o fio vermelho do destino que conecta pessoas

destinadas a se encontrar, apesar da distância e do tempo.

## Fantasia, família e identidade

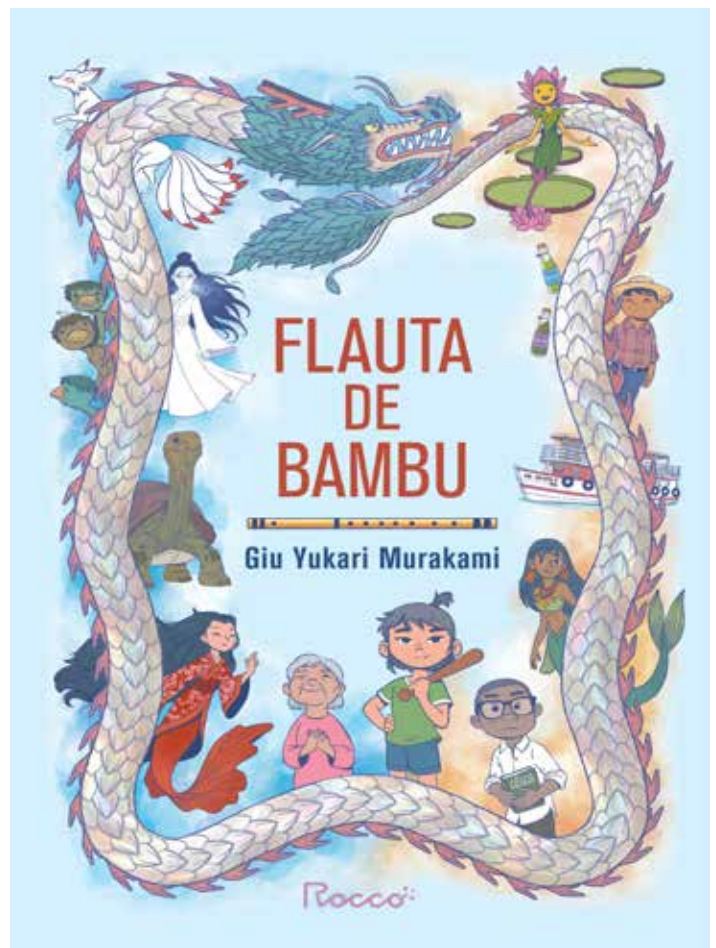
Para Giu Yukari Murakami, Flauta de Bambu é uma narrativa sobre laços familiares e resgate identitário. "A proximidade com a família é sinônimo de relação mais próxima com sua ancestralidade", afirma. "Aiko começa a entender a si mesma, de onde seus antepassados vieram e qual seu lugar no mundo, esta última descoberta se encaixando no tema do pertencimento."

A fantasia ocupa um lugar central nesse processo. Para a autora, o gênero funciona como abrigo e espaço de liberdade criativa. "Me trouxe refúgio e lar justamente naqueles momentos em que eu me sentia mais solitária", relembra. "A fantasia me dá a licença poética para criar mundos extraordinários, mas que ao fim mostram como as relações humanas têm aquele toque de magia."

Fã de sagas de aventura como Percy Jackson, Desventuras em Série e Como treinar o seu dragão e de animações como Little Witch Academy e filmes do Studio Ghibli, Giu conta que essas referências, somadas ao desejo de ambientar uma história de fantasia na Amazônia, deram origem ao livro. "Há referências de youkais (espíritos/criaturas sobrenaturais japonesas) e trago algumas criaturas amazônicas para mostrar essa dualidade."

## Entre o Japão e o Norte do Brasil

Paraense de Belém, Giu Yukari Murakami [@giuyukarimurakami](https://www.instagram.com/giuyukarimurakami), de 29 anos, inscreve na obra reflexões pessoais e sobre a realidade de pessoas amarelas no Brasil. "Embora Aiko não seja parecida comigo na personalidade, ela carrega noções de responsabilidade e autocobrança que eram muito frequentes em mim." Este é seu primeiro livro protagonizado por uma garota nipo-brasileira, embora não seja o primeiro com uma personagem amarela. "Eu tinha um fascínio pela cultura japonesa porque parte dela era rotina em casa", explica. "Mas ao mesmo tempo era também tão distante... Faltava algo... Algo



que estava tão próximo: a minha cultura paraense, que é também brasileira, embora infelizmente tão pouco conhecida."

A vivência nortista da autora atravessa a construção da protagonista de forma orgânica. "Claro que não objetivamente, mas sua rotina, suas reclamações sobre o calor, sua vontade de comer karê em dias quentes, seus sentimentos de não se encaixar...", comenta. "Tudo correspondia a sentimentos que eu mesma vivenciava e por isso souu tão natural escrever Aiko."

Para Giu, a principal mensagem do livro está na possibilidade de construção do próprio lugar no mundo. "Não importa se esse lugar já veio definido, você é capaz de construir um para si também." A autora destaca ainda que as relações de família, amizade, fé e magia estruturam toda a narrativa. "Trabalhar esses temas não é apenas uma vontade, mas uma necessidade de trazer maior representatividade amarela para obras de ficção, inclusive infantojuvenil,

e mostrar que somos brasileiros e protagonistas de histórias incríveis como outras pessoas. Eu adoraria ter lido uma história como essa quando tinha 13 anos!"

**Sobre a autora** Giu Yukari Murakami publicou seu primeiro livro, *Guardiões do Império – O Selo do Sétimo* (Editora Empíreo), em 2017. Desde então, colabora com revistas literárias e coletâneas no Brasil, nos Estados Unidos e no Japão. É vencedora do Prêmio Fox-Empíreo de Literatura, semifinalista do Prêmio LOBA Festival 2025, participa ativamente de eventos e oficinas literárias e já teve trechos de suas obras adaptados para o audiovisual.

Sobre o processo de escrita, a autora defende a construção da resiliência. "Você escreve um livro, cria personagens e mundos, para depois mudar várias vezes os diálogos, as cenas e até as regras da narrativa ao longo das inúmeras revisões que faz", reflete. "E você vai refazer, fracassando, remodelando, costurando... O hábito de reinventar."

**SERVIÇO: Flauta de Bambu, Giu Yukari Murakami** - Editora: Rocco - 328 págs. [@editorarocco](https://www.editorarocco.com.br/produto/flauta-de-bambu/) Adquira "Flauta de Bambu" no site da editora: <https://rocco.com.br/produto/flauta-de-bambu/>

**Agostino Arrivabene, La crisalide (2021)**



# Do blaxploitation ao noir caipira: jornalista Luiz Fernando Treviso estreia romance policial com protagonista negro irreverente

“Era uma vez em Parpoplanca”, romance do jornalista e escritor Luiz Fernando Treviso (@luizftreviso.autor), transita entre o suspense, o drama e o humor ácido, apresentando uma narrativa que subverte o gênero policial com personagens improváveis e interessantes. Publicada de forma independente pelo Clube dos Autores, a obra investiga um estranho assassinato acontecido numa cidade pacata e tem como protagonista um detetive negro de black power imponente que usa chinelos havaianas, é assumidamente “apreciador da erva” e costuma ter ataques de riso em situações de tensão.

Parpoplanca é uma cidade fictícia que parece parada no tempo. Povoada por personagens marginalizados — como viciados, negros, orientais e prostitutas — representa, em muitos aspectos, um microcosmo satírico da sociedade brasileira. Esses personagens são a essência da obra e conhecê-los, ao longo de cada capítulo, torna a experiência de leitura novelesca. Segundo o autor, sua intenção ao dar voz a esses personagens por meio de um humor caricatural é evidenciar suas vivências e a forma como enfrentam um sistema opressor.

“A obra se constrói como um mosaico de histórias que transitam entre o drama e a comédia, com o objetivo de retratar e provocar reflexão sobre o preconceito racial e estrutural presente na sociedade”, reflete Luiz. Adepto ao humor ácido, ele considera esse estilo uma ferramenta para abordar esse contexto sem suavizar os conflitos, permitindo expor contradições e dinâmicas sociais, inclusive o moralismo presente nas relações sociais, além de questionar estruturas de poder: “Acredito que a comédia e o terror são os gêneros que melhor dialogam com esse tipo de abordagem crítica, e por isso procuro mesclar os dois nas minhas narrativas.”

Também nesse sentido, o passado de Canduco, detetive e protagonista da obra, revela críticas contundentes ao racismo estrutural e à violência policial, ao abordar como o conhecimento das leis se tornou sua principal arma con-



tra a discriminação.

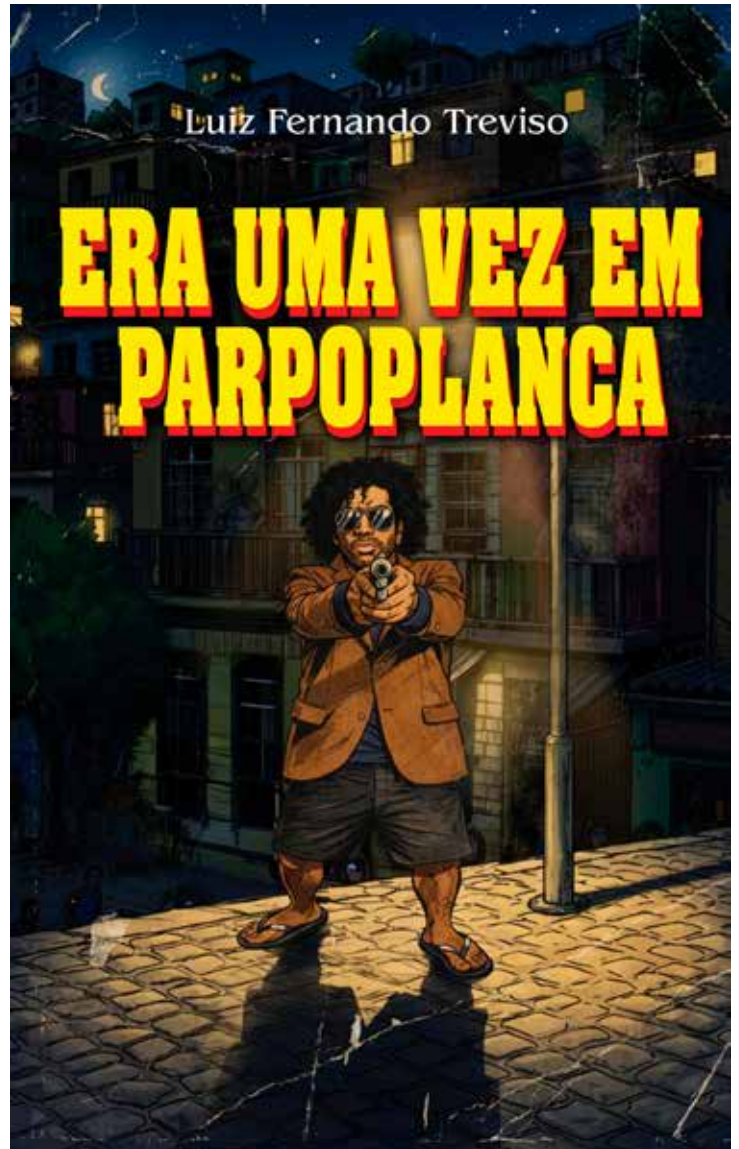
O protagonismo negro e o cinema que flerta com grotesco, o trágico e o humor ácido

Cinéfilo e cheio de referências, o autor usa seu conhecimento de transmídia para fazer homenagens e críticas e, assim, construir sua proposta literária. Nesse sentido, vale destacar como o movimento cinematográfico estadunidense blaxploitation, originário dos anos 1970 e conhecido por destacar protagonistas negros em filmes de ação, crime e drama, inspirou o autor para “Era uma vez em Parpoplanca”.

Também escreve sob influência de Nelson Rodrigues, Federico Fellini, do cinema trash das décadas de 1970 e 1980, e de diretores como Charlie Chaplin, Jerry Lewis, David Cronenberg, Alfred Hitchcock, Brian De Palma, Dario Argento e George A. Romero, entre outros. É um dos criadores do podcast “Cineblábláblá” e transita entre cultura, audiovisual e narrativas que flertam com o grotesco, o trágico e o humor ácido.

## Luiz Fernando Treviso: o processo criativo a partir do estranho

Luiz Fernando Treviso nasceu e vive em São Paulo. Sua formação inclui jornalismo, pós-graduação em gestão cultural e em produção audiovisual, além de cursos livres de teatro, cinema e roteiro. “Era uma vez em Parpoplanca” marca sua estreia literária e inaugura um universo ficcional construído com liberdade, irreverência e o prazer de contar histórias do próprio jeito. Além dele, publicou “Paranoia e outros contos” e “Horror sem fala”, todos pelo Clube de Autores.



Entre suas referências literárias estão autores como Stephen King, Jorge Amado, Charles Bukowski e Edgar Allan Poe. Recentemente foi selecionado pela Clímax Editorial para integrar a coletânea Horrores do Brasil: Anos 90 com o conto “Ostentação”.

O autor trabalha atualmente em duas obras. “Confissões de uma mente pervertida de um jovem cineasta” é uma narrativa brutal e tragicômica sobre fama, decadência e autodestruição, na qual um jovem escritor investiga a trajetória esquecida do cineasta Rogério Neves (anos 80), mergulhando no Brasil caótico entre as décadas de 70 e 90, desde sua infância pobre na ditadura até os vícios e paixões da Boca do Lixo. Já “O Ano da Desordem”, em edição, é uma sátira feroz sobre o colapso moral do país: em 2019, a vidente

Mãe Liná profetiza a chegada de um novo Messias; obcecada, a primeira-dama Micaela convence-se de que o escolhido é seu marido, o presidente autoritário Amaro, mergulhando o governo em fanatismo e violência racista, enquanto motoboy e marginalizados organizam resistência clandestina, desencadeando uma guerra entre fé, delírio e sobrevivência.

**FICHA TÉCNICA:** Era uma vez em Parpoplanca, Luiz Fernando Treviso Rede social do autor: <https://www.instagram.com/luizftreviso.autor/> Número de páginas: 320 Gênero: Romance Editora: Clube de autores Ano: 2026

Adquirir: <https://clubedeautores.com.br/livro/era-uma-vez-em-parpoplanca-3>



■❖ Jean-Pierre Ceytaire #Art #erotic

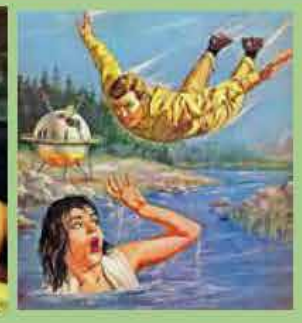
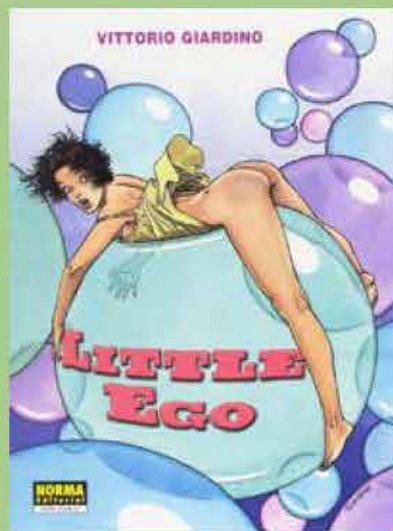
■❖ Albert Edelfelt Boys Playing on the Shore 1884 - Albert Edelfelt Meninos brincando na costa 1884 - #visual\_arts

■❖ #VittorioGiardino #Arts #erotic

■❖ some sci-fi old shit - alguma merda de ficção científica #Pulp\_fiction

■❖ O efeito do nevoeiro e da neve vistos através de uma colunata gótica em ruínas 1826 - Louis Daguerre #visual\_arts

■❖ Hubert Robert Grand Gallery of the Louvre Museum in Paris - Hubert Robert Grand Gallery do Museu do Louvre em Paris



# Mixtura Criativa celebra 9 anos de existência com nova edição de seu festival na Cinemateca Brasileira nos dias 4 e 5 de julho

Com entrada gratuita, o evento reúne mais de 150 marcas autorais, oficina, sessões de filmes, live painting, atrações para crianças, sorteios e área gastronômica



Para comemorar seus 9 anos de trajetória, a Mixtura Criativa preparou uma nova edição do Mixtura Festival na Cinemateca Brasileira, nos dias 4 e 5 de julho (no sábado, das 11h às 19h; e no domingo, das 10h às 18h).

O evento é gratuito e pet-friendly e reúne mais de 150 marcas criativas e uma programação cultural completa com shows de música brasileira e jazz, espaço para as crianças criado pela Muskinha, exposições de filmes, bate-papos sobre empreendedorismo, oficinas criativas, flash tattoo, pintura ao vivo com artistas, sorteio e uma área gastronômica com várias opções para todos os gostos.

Com o tema #CompreDeQuemFaz, o festival tem a missão de criar um espaço criativo fomentando o consumo

consciente celebrando quem cria, produz e transforma histórias em presentes com alma. A ideia é produzir um festival diverso, criativo e transformador.

E, para as marcas autorais, o evento cria um ótimo espaço para estarem mais próximas de seu público e divulgarem seus produtos. Para se ter uma ideia, na 2ª edição, que aconteceu em julho e contou com mais de 10 mil visitantes, os expositores movimentaram mais de R\$1,5 milhão em apenas um fim de semana.

“O Mixtura Festival é um marco no calendário de eventos culturais na cidade de São Paulo, e a cada edição, buscamos aprimorar a produção e trazer novidades nas criações.” reforça Déia Martins, fundadora da Mixtura Criativa.



## Sobre a Mixtura Criativa

Criada há 9 anos pela empreendedora Déia Martins, a Mixtura Criativa é um ponto de encontro de ideias autorais que busca transformar o consumo em experiência, com uma curadoria cuidadosa e original.



**Serviço Mixtura Festival - edição de 9 anos** De 4 e 5 de julho  
Sábado: 11h às 19h Domingo: 10h às 18h  
Cinemateca Brasileira - Largo Sen. Raul Cardoso, 207 - Vila Clementino, São Paulo - SP  
Entrada gratuita / Siga a Mixtura Criativa nas redes [@mixturaCriativa](#) e acompanhe mais novidades sobre o evento.



# Casa de Alice retorna ao Horto Florestal em julho com festa julina

Festival reúne mais de 90 marcas autorais, gastronomia, música e premiações para o público



Após o sucesso da edição anterior, que reuniu mais de 35 mil visitantes e movimentou mais de R\$ 1 milhão em vendas para pequenos empreendedores, o Festival Casa de Alice retorna ao Horto Florestal nos dias 11 e 12 de julho, das 10h às 18h, com entrada gratuita e uma programação especial para toda a família.

Reconhecida por fomentar a economia criativa e fortalecer pequenos produtores, a Casa de Alice levará ao Horto mais de 90 marcas autorais, reunindo gastronomia, artesanato, moda, decoração, plantas, bem-estar, produtos criativos e diversas experiências ao ar livre em um dos espaços ver-

des mais tradicionais de São Paulo.

Além das opções de compras e alimentação, a edição contará com música ao vivo, atrações para todas as idades e duas grandes novidades que prometem movimentar o público: a Raspadinha Premiada e o Bingo Casa de Alice.

A cada R\$150 em compras acumuladas durante o evento, os visitantes poderão trocar seus comprovantes por uma raspadinha premiada e uma cartela de bingo, concorrendo a brindes, produtos e prêmios oferecidos pelos expositores e parceiros da feira.

A ação foi criada para incentivar a circulação dos visitan-

tes entre as marcas participantes, fortalecer as vendas dos pequenos empreendedores e tornar a experiência ainda mais divertida e interativa.

Com expectativa de receber milhares de visitantes durante o final de semana, o Festival Casa de Alice se consolida como um dos principais eventos de economia criativa da cidade, promovendo o encontro entre consumidores e pequenos produtores em um ambiente que une lazer, cultura, gastronomia e contato com a natureza.

“Mais do que uma feira, a Casa de Alice é um movimento de valorização dos pequenos negócios, da produção autoral e do consumo cons-

ciente. Nosso objetivo é criar oportunidades reais para os empreendedores e experiências inesquecíveis para o público”, destaca a organização.

Com entrada gratuita, o festival é uma excelente opção de passeio para famílias, amigos e amantes da cultura local, oferecendo uma programação completa em um dos cenários mais encantadores da capital paulista.

**SERVIÇO Festival Casa de Alice no Horto Florestal** 11 e 12 de julho / Das 10h às 18h Horto Florestal – São Paulo/SP Entrada gratuita Marcas autorais Gastronomia diversificada Música / Raspadinha Premiada e Bingo Casa de Alice Realização: Casa de Alice Não é permitida a entrada de pets



Se gosta da revista e acha que devemos continuar, contribua com qualquer valor através do PIX. Com sua ajuda financeira, poderemos investir ainda mais na qualidade da revista. Qualquer contribuição é bem-vinda. A redação agradece! Use a chave pix:

**(11) 99664-5072**

# Com direção de Clara Carvalho, Édipo, tragédia grega, vira thriller político no auditório do MASP

Com uma nova adaptação do dramaturgo inglês Robert Icke, o espetáculo é um thriller político contemporâneo ambientado no escritório de campanha de Édipo, um candidato prestes a vencer uma eleição majoritária. Sergio Mastropasqua dá vida ao personagem homônimo, enquanto Clarisse Abujamra interpreta Jocasta, que nesta versão ganha maior protagonismo em relação à tragédia original de Sófocles. O clássico foi considerado por Aristóteles a mais perfeita das tragédias.

A tragédia Édipo Rei, de Sófocles, escrita em 427 a. C. é um clássico há 2500 anos e ganha ares contemporâneos com a escrita do dramaturgo inglês Robert Icke (1986-) em Édipo, que estreia no dia 4 de julho, sábado, às 20h, no auditório do MASP. A montagem conta com direção de Clara Carvalho, idealização da pesquisadora Rosalie Rahal Haddad, realização do Círculo de Atores e produção da SM Arte Cultura.

A temporada tem sessões sextas e sábados, às 20h, e domingos, às 18h, até 6 de setembro. O elenco é formado por Sergio Mastropasqua, Clarisse Abujamra, Oswaldo Mendes, Chris Couto, João Bourbonnais, Thalles Cabral, Thaina Muniz, Márcia Teodoro, Marisa Mainarte, Rodrigo Scarpelli, Thomas Huszar e Roberto Borenstein.

A trama é um thriller político contemporâneo ambientado no escritório de campanha de Édipo, um candidato prestes a vencer uma eleição majoritária. Conservando as unidades clássicas de tempo, espaço e ação, a peça traz, além do suspense e de um painel intrincado de relações familiares, uma profunda sondagem existencial e um mergulho no inconsciente. Assistimos à crise vertiginosa de um político que, sem saber, transgrediu leis civilizatórias e que, por excesso de autoconfiança e orgulho, engendra a própria ruína.

“Não é que Édipo Rei precise ser atualizado. É uma tragédia tão perfeita e tão interessante que, 2.500 anos depois, continua impecável em sua dimensão universal. O que Robert Icke faz é um

exercício muito interessante de releitura, usando todas as linhas mestras da peça. Na montagem, Édipo é o candidato que vai ganhar a eleição. Todas as pesquisas mostram que ele está praticamente eleito. Todavia, um personagem chega para dizer que tudo aquilo que ele acredita sobre si mesmo pode não ser verdade. Existe essa relação entre poder, sucessão e a construção de narrativas”, enfatiza Clara Carvalho.

A encenação aposta em uma estética contemporânea em todos os recursos cênicos: a trilha sonora de Gregory Slivar, o figurino de Marichilene Artisevskis e o cenário de Chris Aizner, que criam um ambiente híbrido entre o universo eleitoral e a dimensão trágica da obra. A inspiração vem do brutalismo de Lina Bo Bardi e do espaço simbólico do vão livre do Masp, ponto tradicional de manifestações políticas na capital paulista.

## ÉDIPO E JOCASTA

Para Sergio Mastropasqua, o que mais impressiona em Robert Icke é sua capacidade de não ser reverente nem de tentar comentar Sófocles. É como se ambos caminhassem juntos em um jogo no qual os atores enfrentam a potência do autor grego pelas mãos do dramaturgo contemporâneo.

“Édipo é um personagem que estará pelo mundo enquanto existir alguém que saiba ler ou encenar. A atualidade é apenas mais um momento desse percurso. Por coincidência, a peça começa com o final de uma campanha política, que estará ocorrendo no Brasil enquanto estivermos em cartaz no Masp. Violência contra a mulher, discriminação por origem, novos movimentos políticos e autoritarismo percorrem a trama”, comenta o ator.

Uma das inovações do texto em relação ao original grego é trazer, pela primeira vez, o ponto de vista da personagem Jocasta. O autor a transforma em uma mulher dos dias atuais, consciente de seu papel e profundamente envolvida nos acontecimentos que a cercam.

“É um acerto enorme da adaptação colocar Jocasta nesse lugar de protagonismo. Ela deixa de ser apenas uma figura da tragédia



para se tornar uma personagem complexa e viva. A sensação é de acompanhar uma investigação em que, a cada cena, uma nova informação muda completamente o rumo da história. Esse lado thriller que o autor imprime à tragédia é um dos seus principais ingredientes”, conta Clarisse Abujamra.

## REENCONTROS

A parceria entre a pesquisadora Rosalie Rahal Haddad e o Círculo de Atores já resultou em produções como A Profissão da Sra. Warren (2018), O Dilema do Médico (2023) — ambas de Bernard Shaw — e Hedda Gabler (2024), do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen. Esta última rendeu a Clara Carvalho uma indicação ao Prêmio Shell, na categoria de Melhor Direção e ganhou o Prêmio Bibi Ferreira de Melhor Espetáculo em Prosa. Rosalie Haddad produziu ainda a mostra 2XSHAW (2019), composta pelas peças A Milionária e A Profissão da Sra. Warren. Em 2025, essa união originou um diálogo próximo com a obra de Robert Icke na montagem de A Médica (adaptação de Professor Bernardi, de Arthur Schnitzler), espetáculo com direção de Nelson Baskerville e protagonismo de Clara Carvalho.

Rosalie Rahal Haddad é pesquisadora na área de Estudos Irlandeses da USP, membro do conselho do Trinity College, em Dublin, da International Shaw Society e da

Brazilian Association of Irish Studies. Por meio da Fundação Haddad, mantém um programa de bolsas que proporciona a alunos brasileiros a oportunidade de cursar pós-graduação no Trinity College, em diversas áreas relacionadas ao teatro.

**FICHA TÉCNICA:** Idealização e Produção Geral: Rosalie Rahal Haddad. Texto: Robert Icke. Direção e Tradução: Clara Carvalho. Diretor Assistente: Thiago Ledier. **Elenco** Sergio Mastropasqua, Clarisse Abujamra, Oswaldo Mendes, Chris Couto, João Bourbonnais, Thalles Cabral, Thaina Muniz, Márcia Teodoro, Marisa Mainarte, Rodrigo Scarpelli, Thomas Huszar e Roberto Borenstein. Música Original: Gregory Slivar. Produção: SM Arte Cultura. Direção de Produção: Selene Marinho. Coordenação de Produção: Sergio Mastropasqua. Produção Executiva: André Roman / Teatro de Jardim. Realização: Círculo De Atores.

**SERVIÇO:** Local: Auditório do Masp **Temporada:** 04 de julho a 06 de setembro. Sextas e sábados às 20h, domingos às 18h. / 16 anos / 110 minutos. / 344 lugares. / Ingressos: Sextas: R\$100 (inteira) - R\$50 (meia) / Sábados e domingos: R\$120 (inteira) - R\$60 (meia). <https://bileto.sympla.com.br/event/121617/>



# Nova Fotografia 2026: mostra “Quando o sonho encontra o azul” reúne fotografias inéditas de Daniela Dib no MIS

*Com curadoria de Marcelo Greco,  
a mostra apresenta cerca de 15  
fotografias inéditas, produzidas  
entre 2021 e 2026, marcadas por  
atmosferas íntimas, jogos de luz  
e sombra, reflexos e paisagens  
suspensas no tempo, construindo  
uma narrativa visual entre sonho e  
realidade*

A artista e fotógrafa Daniela Dib apresenta, no Museu da Imagem e do Som, instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, a exposição “Quando o sonho encontra o azul”, em cartaz entre os dias 23 de junho e 3 de agosto. Com curadoria de Marcelo Greco, a mostra apresenta cerca de 15 fotografias inéditas, produzidas entre 2021 e 2026, marcadas por atmosferas íntimas, jogos de luz e sombra, reflexos e paisagens suspensas no tempo, construindo uma narrativa visual entre sonho e realidade.

A exposição, que integra o programa Nova Fotografia 2026 do MIS, nasce do fascínio de Dib pela cor azul - não apenas como elemento visual, mas como estado emocional e simbólico. Inspirada em estudos linguísticos que

apontam para a ausência da palavra “azul” em diversas civilizações antigas, a artista parte da ideia de que céu e mar eram percebidos como territórios vastos e mutáveis, ainda não nomeados pela linguagem. O azul surge, assim, como uma presença silenciosa e indefinível. Nas fotografias, essa cor aparece menos como representação e mais como atmosfera. Entre sombras, reflexos e gestos sutis, a artista constrói imagens que transitam entre delicadeza e tensão, intimidade e vazio, contemplação e vertigem.

“As fotos apresentadas na exposição representam muito do meu universo interior. Uma busca silenciosa, um olhar através de uma fresta, habitando uma dimensão entre o caos e a magia da vida cotidiana - um delicado equilíbrio entre as pulsões de vida e morte”, afirma a artista. A mostra propõe ao público uma experiência contemplativa em contraponto à velocidade do mundo contemporâneo. A montagem reforça essa sensação: a for-

ma com que as obras serão fixadas, darão a impressão de estarem flutuando, um leve som de água, complementa a imersão, concebida pela artista.

### Sobre Daniela Dib

Nascida em Porto Alegre, Daniela Dib estudou Desenho Industrial na ULBRA. Após uma longa trajetória no universo da moda, passou a dedicar-se integralmente à fotografia autoral a partir de 2018, quando iniciou seus estudos no MAM São Paulo.

Em 2020, foi premiada pelo edital “Arte como Respiro”, do Itaú Cultural, projeto que deu origem ao livro “Aqueles Dias”, publicado em 2021 pela Editora Origem e finalista do Primeiro Prêmio Lovely House na categoria Fotolivro. Publicou também, de forma independente, dois livros: “Caminho de volta” (2019) e o zine “Paisagens Internas” (2022).

Seu trabalho integrou exposições e publicações nacionais e internacionais, entre elas “Eye Mama Project”

(Reino Unido, 2023), “The Annihilation of Space and Time” (Japão, 2023) e “Nep-tune Journal” (França, 2024).

“Ser selecionada por uma instituição do tamanho e importância do MIS é uma imensa honra. É uma mistura de felicidade, insegurança e orgulho. Ver que meu olhar atravessa outros olhares e emociona as pessoas é algo muito especial”, afirma a artista.

### Sobre o Nova Fotografia

O projeto anual do MIS seleciona, por meio de convocatória aberta ao público, seis novos fotógrafos para uma exposição individual no Museu. A seleção fica a cargo do Núcleo de Programação, com supervisão e coordenação da curadoria geral do MIS. São selecionadas séries fotográficas inéditas, de profissionais que se destacam por sua originalidade técnica e estética. Após o período em exposição, as séries escolhidas passam a integrar o acervo do MIS.

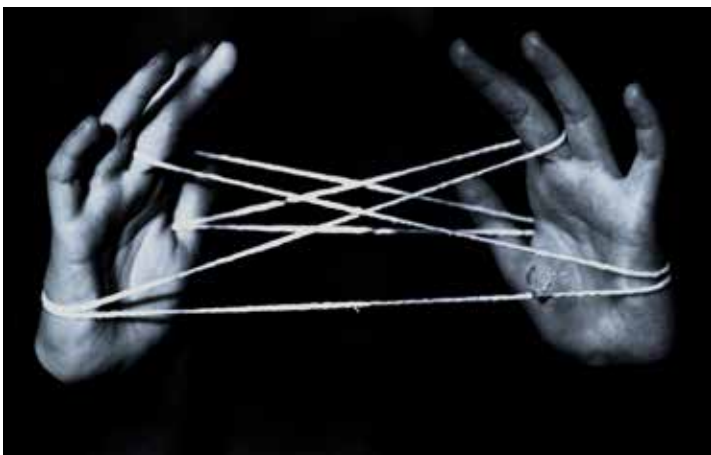
A programação é uma re-


alização do Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas de São Paulo, e MIS, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, ProAC e Promac.

O MIS tem patrocínio institucional da Livel, Vivo, Goldman Sachs, Ituran e Goodstorage e apoio institucional das empresas Delboni, EAÍ?! Marketing, Unisys, Volkswagen Caminhões e Ônibus, Unipar, Campari, Colégio Albert Sabin, PWC, Telium, Kaspersky, Gabriel e Play Audiovisual.

**NOVA FOTOGRAFIA 2026 | “Quando o sonho encontra o azul”, de Daniela Dib / Período expositivo: 23.06 a 02.08.2026 / Horários: terças a sextas, das 10h às 19h; sábados, das 10h às 20h; domingos e feriados, das 10h às 18h. Ingresso: gratuito / Classificação indicativa: livre**

**Local: Espaço Maureen Bisilliat | Museu da Imagem e do Som | Av. Europa, nº 158 - Jardim Europa - São Paulo/SP**





*... Não para  
não! Quinzena  
que vem tem  
mais LacrE.  
Leia, se gostar,  
mande em  
frente...*

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: [laczine@gmail.com](mailto:laczine@gmail.com).

**CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:**

**e-mail:**

[paginaleste@hotmail.com](mailto:paginaleste@hotmail.com)

[laczine@hotmail.com](mailto:laczine@hotmail.com)